

Espaço & Debates
Revista de Estudos Regionais e Urbanos

Publicação semestral sob a responsabilidade do
Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos - NERU
Correspondência e assinaturas:
Caixa Postal 11028 - CEP 05422-970 - São Paulo - SP - Brasil
espacodebates@uol.com.br

Coordenação editorial

José Tavares de Lira (FAUUSP), Maria Cristina da Silva Leme
(FAUUSP), Sarah Feldman (EESCUSP)

Conselho editorial

Adrian Gurza Lavalle (PUC-SP), Denise Antonucci (UPMack),
José Tavares de Lira (FAUUSP), Maria Cristina da Silva Leme
(FAUUSP), Martha R. Scheingart Garfunkel (Colégio de
México), Renato Cymbalista (FAUUSP/Inst. Polis), Sarah
Feldman (EESCUSP), Sérgio Adorno (FFLCH-USP), Sérgio
Abraão (FAUUSP), Yara Schreiber (PUC-SP)

Preparação de textos para impressão e revisão

Regina Nogueira

Colaboradores deste número

Silvana Rubino (Unicamp), Vera Pallamin (FAUUSP), Fabio
Lopes de Souza Santos (EESCUSP), Telma de Barros Correia
(EESCUSP)

Secretaria

Melania Alves Silva

Foto da capa

Rubens Mano, sem título, 1997

Produção gráfica

PW Gráficos e Editores Associados Ltda.
Alex Wissenbach
Vivaldo H. Tsukumo

Impressão

Imprensa da Fé

Distribuição

Annablume Editora Comunicação
Rua Padre Carvalho, 275 - Pinheiros
05427-100 - São Paulo - SP - Brasil
Tel. e fax: (11) 3812-6764 - Televendas: (11) 3031-9727
<http://www.annablume.com.br>

ESPAÇO & DEBATES

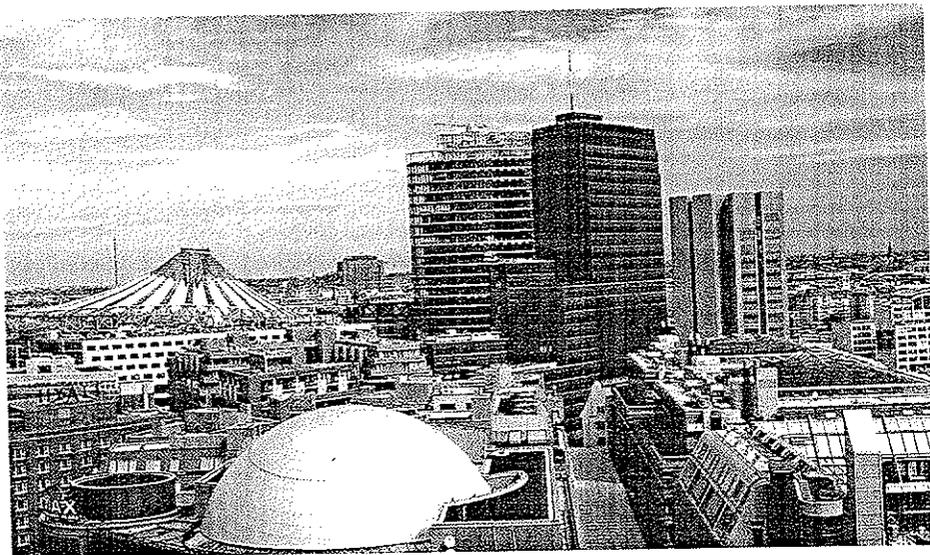
43-44

CIDADE, CULTURA, (IN)CIVILIDADE

ISSN 0101-5621

BERLIM RECONQUISTADA FALSA MISTURA E OUTRAS MIRAGENS

Otília Beatriz Fiori Arantes



Potsdamer Platz
(foto publicitária da Bewag-Eletricidade).

I Ainda o pensamento único das cidades

O pensamento único das cidades¹ não sobreviveria por muito tempo ao seu próprio vazio, se a cada temporada não atualizasse seu repertório com alguma nova receita de salvação urbana. Ao que parece, uma dessas últimas palavras de ordem redentoras atende pelo nome de *mistura social*. E correspondente mistura de funções na cidade. *Mix*, para os anglo-americanos, *mixité*, para os franceses; e *Mischung* para os alemães - de que modo, logo veremos a propósito de Berlim.

Assim, durante a campanha eleitoral para a prefeitura de Paris, na primavera de 2001, a *mixité* - entendida como a procura de uma dosagem social ótima para a cidade - encabeçava a lista das prioridades de quase todos os candidatos.² Curiosa unanimidade em torno de uma bandeira de resistência aos processos de segregação urbana, discriminação de classe e conseqüente degradação de regiões inteiras, os bairros "sensíveis", no eufemismo francês. Outra ocorrência característica dessa miscelânea ideológica: o que consta do relatório encomendado por Tony Blair a um membro insigne do *star system*, o arquiteto lord Richard Rogers, tendo em vista a constituição de uma Força Tarefa Urbana que

teria por missão nada mais nada menos do que uma *urban renaissance* das cidades inglesas? Não por acaso, recomendava-se antes de tudo que uma tal renovação urbana refletisse algo como um desejo básico de que se formassem *mixed communities*, apresentadas como um dos ingredientes essenciais da excelência do desenho urbano. Quer dizer, entre outras providências, como inventar "belos" espaços propícios a uma maior "coesão social", desenvolver políticas habitacionais (inexistentes desde o governo de Margareth Thatcher) de modo a criar bairros em que a diferença entre habitação social e de mercado fosse de algum modo desarmada. O mesmo programa, então gerido pelo próprio Rogers, foi adotado pelo primeiro prefeito eleito de Londres (considerado "vermelho" para os padrões britânicos), convidado, por sua vez, a encarar a mistura arquitetônica como o cenário indutor de um enriquecimento equivalente das relações sociais, sem falar é claro na exuberância futura da "máquina de crescimento" a ser reposta em movimento.³

A essa pequena, porém significativa, amostra oficial, caberia certamente acrescentar as correspondentes "sugestões" a respeito que costumam pautar os pacotes urbanos dos organismos multilaterais. Sempre em nome da atenuação da crescente e assustadora polarização social das grandes concentrações urbanas. Dualização a ser represada por uma política "pró-ativa" dita de mistura social, concebida por sua vez em termos predominantemente culturais, como logo adiante constataremos. Continuamos assim percorrendo a mesma via de mão única do "culturalismo de mercado" - na expressão que venho adotando para designar o que, há pelo menos duas décadas, é o horizonte a um tempo exclusivo e rebaixado de toda e qualquer gestão urbana que, ao romper com razão com o produtivismo dos modernos, acabou atrelando a produção da cidade aos imperativos do capitalismo de imagens. Como se há de recordar, tal ruptura deu-se sobretudo à esquerda, nos longínquos anos 70, na esteira das grandes reviravoltas anti-autoritárias da década anterior. E como sempre, o capitalismo acossado respondeu incorporando a crítica social e cultural, animada pela Grande Recusa daqueles tempos ao seu novo espírito: hoje, o capitalismo em rede da acumulação flexível e do trabalho precarizado e desqualificado não se constrange em falar à mesma língua da velha contestação, convenientemente traduzida para o jargão gerencial da transparência e do envolvimento

criativo - do mais elementar enquadramento disciplinador da mão-de-obra recalcitrante à promoção em alta escala da imagem de uma cidade "à venda".⁴

Pois então, como disse acima, o *mix* promocional dos dias de hoje entrou em cena como bandeira de resistência à proliferação das cidades duais, às quais uma certa esquerda urbanística contrapunha o projeto de uma cidade "plural", em que a valorização da diversidade em todas as suas acepções relevantes fosse a expressão de uma real democratização da produção do espaço urbano. Ocorre que solidariedade e realização pessoal, ou qualquer outro convite à "participação", são evocados hoje rotineiramente em não importa que iniciativa de gentrificação, aliás sem mais nenhuma inibição de se apresentar como tal. Sempre um *mix* providencial qualquer - um simples encontro de serviço, dependendo do cenário apropriado, pode passar por "integração social", para escândalo do mais elementar bom senso sociológico - se encarregará de amalgamar num mesmo combate pela qualidade urbana, falando a mesma língua "interacionista", partidários convictos de um urbanismo eficientemente atrelado às grandes máquinas de crescimento urbano e ativistas da gestão democrática das cidades, isto é, mais socialmente e arquitetonicamente "misturadas". Digamos, em todo o caso, a favor destes últimos que, ao total conhecimento de causa (ou cinismo) dos primeiros, correspondem, na atuação desses parceiros de empenho requalificador, motivações sociais indiscutíveis, embora, no mais das vezes, acompanhadas de um maleável *mix* ideológico, fluindo assim com maior desenvoltura entre os dois pólos do culturalismo de mercado, ele mesmo um *mix* de nascença.

De volta a Berlim

Não é a primeira vez que, ao refletir sobre os altos e baixos do atual fim de linha urbanístico-arquitetônico, me vi obrigada a passar por Berlim. Uma primeira visita, em fevereiro de 1991, resumiu-se, a rigor, a documentar o mostruário de estrelas pós-modernas que vinha a ser a solitária novidade projetual do lado ocidental nos anos 80. Mais precisamente a iniciativa da prefeitura de Berlim (projetada para o aniversário da cidade, em 1987), na forma de uma grande exposição de arquitetura, que foi o IBA (Internationale Bauausstellung Berlin), e que justamente trouxe os maiores

nomes da arquitetura mundial para projetar edifícios - no mais das vezes conjuntos residenciais - nas áreas abandonadas próximas a Kreuzberg (sem falar na restauração, comandada pelo S.T.E.R.N. de todo este bairro, até aquela década abandonado e, em sua maioria, "squaterizado"), ao Check point - especialmente na Friedrichstrasse -, às margens do Spree ou do Tiergarten, regiões quase desabitadas depois da guerra. Embora reatando com uma tradição de mostras deste tipo que vinham da Bauhaus, especialmente voltadas para a habitação, tratava-se antes de mais nada de uma vitrine da arrancada capitalista pouco antes da queda do muro. Uma *strada novissima*⁵ ao vivo, conceitualmente redundante se confrontada com os originais "europeus" (apesar da recuperação de Kreuzberg, *step by step* - como se dizia - começar a ser vista como a Bolonha dos anos 80),⁶ de resto demonstrando, no conjunto das iniciativas, ainda menor ou nenhuma coerência urbana. Por sua vez a reunificação era recente e o novo ciclo urbanístico que o próximo retorno da capital anunciava, ainda incipiente. Assim sendo, nos estudos que comeci a publicar a seguir sobre o regresso dos arquitetos à cidade depois dos modernos, praticamente nada berlinense viria ao caso.⁷

Menos de uma década depois, a reviravolta não poderia ser maior. Com mais de trezentos escritórios internacionais de arquitetura mobilizados, a "reconversão" da futura capital transformaria Berlim no maior canteiro de obras da Europa, mais precisamente na maior "empresa" arquitetô-

nica e urbanística de que se tem memória, nas palavras entusiásticas do ultraliberal Vargas Llosa. E, no foco de tudo, para variar, a celebração da cultura como âncora privilegiada daquela verdadeira "reconquista" de Berlim. A revanche deveria ser exemplar, e a nova fronteira leste plenamente ocupada. A registrar: o comércio chique, os museus restaurados e as novas galerias de arte encontram-se todas na antiga Berlim-Leste. Nessas condições, agora sim vinha ao caso, e muito, que ao entrar no debate sobre o planejamento estratégico, sempre pela porta nada lateral da cultura, o capítulo berlinense fizesse parte do argumento geral.⁸ Com a ressalva de que não havia propriamente falando nenhum planejamento estratégico oficial (ao menos no sentido estrito em que vinha sendo empregado pelos urbanistas) na renovação de Berlim. E, no entanto, a fórmula era a mesma, não faltava nenhum dos ingredientes do atual modo de "fazer cidade", é claro que na escala gigantesca de uma capital com ambições bem mais do que europeias: "megaprojetos emblemáticos; urbanismo acintosamente corporativo, nenhuma marca global ausente; gentrificações se alastrando por todo o canto; exibicionismo arquitetônico em grande estilo; parques museográficos; salas de espetáculos agrupadas em complexos *multiservice* de aparato" - e muita, muita "animação cultural" disponível para 24 horas de consumo. Isso escrito em meados de 2000, enquanto arrumava as malas para nova verificação *in loco*, em novembro do mesmo ano.

Acabei me deparando com a nova e enfática alegação da "cidade do pensamento único", a *mistura* como a razão de ser em última instância da produção da nova urbanidade. E isto, depois de um mês em Paris ouvindo proclama-

ções francesas em favor da *mixité*. Só que em Berlim a *Mischung* vinha de outras eras e estava se reapresentando com uma nova roupagem: e como o planejamento estratégico não era oficialmente assumido (tampouco em Paris), era a tal mistura que se apresentava na linha de frente, espécie de "suma" da nova marca de Berlim. Tratada como política de Estado, os promotores da "reconquista" de Berlim faziam da retomada daquela tradição local (pelo menos esta era a alegação) o ponto de honra da capital em reconstrução. A olho nu, entretanto, o tratamento dispensado aos trabalhadores emigrados, ou aos "desocupados" do Leste, sem falar nas expedições punitivas dos bandos de extrema direita, ou seja, a política "interacionista" que se via era bem diversa. Igualmente desconcertante ao ser finalmente vista de perto por uma *outsider* brasileira, a imagem edificada e emblemática desse "interacionismo" social programático - a região em franco processo de reurbanização do complexo Potsdamer/Leipziger Platz - era de fato a de um *parque temático* encravado no coração de Berlim! Aliás, o primeiro artigo que li no terreno confirmava essa impressão inicial e logo verifiquei que a observação era recorrente. Logo adiante dou a referência pois é por esse

prisma que pretendo principiar minha recapitulação - e já vou avisando que não é muito mais do que isso, o presente guia (ou quase) alternativo de uma "praça" cuja exuberância arquitetônica só realça sua falsa condição de espaço público "misturado".

Potsdamer Platz, micro-cidade-evento (I)

A bem da verdade histórica de minhas primeiras impressões daquele inusitado parque temático berlinense, preciso considerar que talvez elas tenham sido induzidas, obviamente à revelia, por ocasião de um debate no Instituto Goethe de São Paulo alguns meses antes, mais exatamente em junho de 2000, quando deu-se o seguinte desencontro, aliás muito produtivo: fui encarregada de comentar a exposição de um dos diretores da Bauhaus de Berlim, prof. Walter Dirigge, uma apologia muito desenvolvida das "cidades-evento", como as chamava, com particular e intencional ênfase no caráter efêmero de tais configurações. Mas o que de fato estava defendendo eram os "espaços" que a matriz "parque temático" vinha gerando na América e Europa nos últimos tempos. A saber: conjuntos multiplex - essencialmente de lazer - onde, a seu ver, uma nova sociabilidade

Conjunto Sony-Center
(foto da autora).



Mapa com legendas do próprio livro
Bauwelt Berlin Annual 1998.

- | | |
|--|------------------------------------|
| 1 debis | Renzo Piano, Paris/Genoa, |
| 2 Berliner | Christoph Kohlbecker, Guggenau |
| 3 Volksbank | Arata Isozaki & Ass., Tokyo |
| 4 Imax Cinema | Steffen Lehman, Berlin |
| 5 Apartments | Piano/Kohlbecker |
| 6 Apartments | Lauber + Wöhr, Munich |
| 7 Apartments | Richard Rogers Partnership, London |
| 8 Apartments | Piano/Kohlbecker |
| 9 Office Building | Piano/Kohlbecker |
| 10 Office Building | Piano/Kohlbecker |
| 11 Hyatt Hotel | Richard Rogers Partnership |
| 12 Office Building | Richard Rogers Partnership |
| 13 Apartments | José Rafael Moneo, Madrid |
| 14 Apartments, CinemaxX | José Rafael Moneo |
| 15 Office Building | Lauber + Wöhr |
| 16 Office Building | Lauber + Wöhr |
| 17 Casino | Hans Kollhoff, Berlin |
| 18 Musical Theater | Piano/Kohlbecker |
| 19 Sony (under construction) | Piano/Kohlbecker |
| 20 Philharmonic Hall,
Museum of Musical Instruments
and Chamber Music Hall | Piano/Kohlbecker |
| 21 State Library | Helmut Jahn, Chicago |
| 22 Canaris-House | 1960-63 Hans Scharoun, Berlin |
| 23 Project ABB | 1979-84 Hans Scharoun |
| | 1984-88 Hans Scharoun |
| | 1967-76 Hans Scharoun |
| | Schweger and Partners, Hamburg |



estava tomando forma. Ora, entre seus exemplares figurava com destaque justamente a nossa Potsdamer Platz, com as suas salas de cinema, teatro, shows, cassinos, hotéis, restaurantes, o muito badalado *mall* Arkaden, sem falar, é claro, nas habitações. E sobretudo nos escritórios: trata-se afinal de uma "iniciativa" das firmas Sony, Daimler Benz e Brown Boveri/ABB. (Só depois vim a saber que os berlinenses se referiam àquela micro-cidade-evento como Potsdamer Platz.) Os argumentos iam da defesa dos grandes projetos à diversidade, da sociabilidade "concentrada" do espaço adensado ao poder interativo do divertimento - algo como uma festa de feira em circuito fechado.

Respondendo, recorri à crítica de Francesco Indovina às "cidades ocasionais".⁹ Não me referia, obviamente, à arquitetura precária *stricto sensu*, reciclável, ou o que seja, mas a micro-espacos, ou conjuntos arquitetônicos, no mais das vezes até bastante sólidos, quando não monumentais e, seria o caso de dizer, definitivos (ou com a pretensão de sê-lo). Na verdade, estava pensando em "ocasiões" que nada mais são do que "oportunidades" para se fazer negócios, em especial com a própria cidade. Mas, antes de retomar este argumento, quero esclarecer que andamos todos falando, com uma conotação ora positiva ora negativa, de "acontecimentos" (sejam eles feiras ou olimpíadas, ou transferência de uma capital que necessita de um transplante de "coração") na origem de tais projetos, tanto quanto de uma arquitetura que, nela mesma, é um "acontecimento" (que está lá para causar sensação - para ficarmos no dicionário), sem mencionar o caráter episódico ou efêmero do que ocorre em tais espaços, em geral todo o tipo de animação cultural: espetáculos (dos quais a arquitetura está longe de ser uma simples figurante), exposições disto ou daquilo (motos ou carros num edifício que se intitula museu, a esculturas em parques ou telas e painéis em shoppings) e mais todo tipo de entretenimento - consumo dia e noite, gastronomia, ecologia, obras de arte, objetos duráveis ou imagens virtuais, mas sobretudo o espetáculo mesmo da *civilidade*, seja lá o que isso queira dizer. Algumas vezes pode-se até morar, trabalhar e divertir-se nestas *edge-cities*, mesmo quando incrustadas numa cidade grande. As políticas dos enclaves metastáticos (benignos, obviamente), alavancas, motores etc. parecem ceder

o passo às ilhas de felicidade e "fraternidade", como prometem seus idealizadores. Esta, em princípio, a coisa nova: não seriam mais redutos de uma elite isolada, mas os novos e verdadeiros "espacos públicos" - *open spaces* em todos os sentidos.

Variações sobre a nova urbanidade

À primeira vista, essa urbanidade miniaturizada faz lembrar algumas cidades artificiais americanas, o exemplo mais óbvio, inaugural e matriz das demais foi desde logo a cinqüentenária Disneylândia, além da Disney World, com seu Epcot Center - Experimental Prototype Community of Tomorrow - e suas réplicas mundo afora. Hoje podemos falar nas Disneys, sobre as quais já se escreveu à exaustão.¹⁰ À época, aparentemente, um fenômeno típico americano e, no entanto, no mundo "globalizado", pós-moderno, alçado a ideal das cidades (ao menos para alguns, como o prof. Prügge), espaços urbanos que estão se transformando, por seu turno, cada vez mais em parques temáticos. Aliás, não estou sendo original nesta aproximação, também sobre isto muito se falou, a começar pelo crítico alemão, citado páginas atrás, Werner Sewing, lido *in loco* como disse e surpreendentemente numa dessas publicações bilíngües para turistas, em geral apoloéticas, a quem ocorreu a mesma associação para caracterizar o pequeno mundo da Potsdamer Platz - tomada aqui como exemplar dessa nova urbanidade que começa a tomar conta das cidades, ao menos daquelas em vias de transformação, ou ainda das chamadas "novas cidades" -, num artigo intitulado "Heart, artificial heart, or theme park?" que encerra com a seguinte tirada: "Let's ask Disney".¹¹

Não custa lembrar um fato - referido por Sharon Zukin em seu *Landscapes of power*, ao comprovar que vários *shopping malls* de centros urbanos americanos basearam-se na mesma manipulação da memória e do consumo coletivo efetuado pela Disneylândia -, a saber, que James Rose, o famoso empreendedor imobiliário responsável por Faneuil Hall, Inner Harbor e South Street Sea Port, numa conferência de 1963, na Harvard University, referiu-se a Walt Disney, elogiando-o como um "planejador urbano". Afinal, diz ela, foi o primeiro a extrair e isolar o desejo de segurança entranhado no vernacular e projetá-lo numa paisagem coerente de poder "corporativo".¹²

Tudo indica que a multiplicação de parques temáticos pelo mundo todo obedeceria a essa mesma lógica. E que os novos enclaves urbanos - no começo eram apenas *shopping malls*, lugares resguardados de consumo -, estão se tornando cada vez mais complexos, *misturando* no mesmo espaço toda sorte de atividades, no mais das vezes puxadas pelos equipamentos culturais, hoje liderados pelas salas multiplex de cinema. "Lugares", tais espaços "misturados", onde em princípio se pode morar (*flats* para todos os gostos), trabalhar, divertir-se e conviver, em tese, com toda sorte de gente. Um verdadeiro "laboratório" de novas formas urbanas e de sociabilidade, nas quais descontração e segurança policiada caminham de mãos dadas. E é justamente essa *contaminação* que está nos interessando desvendar, enfim, o que sejam as ditas "misturas" urbanas, começando pelo caso específico berlinense. Mas antes talvez seja necessária uma pequena digressão sobre o modelo em questão.

Fast food/nouvelle cuisine

A receita é bastante conhecida e de origem americana. Mas não se restringe a uma mera enunciação apoloética do *american way of life*, como num filme hollywoodiano padrão. Já uma primeira novidade consiste em propor tal modo de vida como um artigo a ser consumido no ato e não apenas "contemplado". A inovação substantiva porém - como mostra Sharon Zukin - deriva da exibição, nesses espaços, funcionando ao vivo como numa planta industrial, de toda uma maneira inédita de se conceber a produção capitalista, especialmente no que diz respeito às indústrias de serviço. O que confere ao conjunto a força coercitiva de um novo paradigma.¹³ Não por acaso os argumentos alegados pelos europeus - leia-se investidores - para a implantação da controvertida Eurodisney baseiam-se, segundo os promotores dos negócios da diversão, numa "filosofia empresarial" modelar: o fato de apresentar-se, cifras na mão, como uma "indústria séria". Na recapitulação de Marie Eyssard e Bernard Rochette (casualmente numa publicação do Parque de la Villette):¹⁴ uma *indústria do imaginário* organizada como a mais eficiente das indústrias, em que todos obedecem sorridentes a uma engrenagem em que o trabalho comparece disfarçado de "animação", e em que todos se sentem, mesmo o mais humilde catador de pontas de cigarro, como personagens de um espetáculo multidimensio-

nal. Isto é, em que o pessoal técnico obedece a uma organização e a uma vontade de tipo empresarial, em que "a alegria deva ser a norma" - do ambiente de trabalho de uma "família exemplar" ao de uma "cidade ideal". *Feel! Marvel! Buy!*¹⁵ - esta a palavra de ordem no *funny* capitalismo (a que voltaremos). O segredo enfim dos negócios, num mundo dominado cada vez mais pelo turismo e pela indústria do entretenimento. Isso faz da Disney não apenas o protótipo de parques que parecem dar espetacularmente certo, mas também de cidades que pretendem atrair turismo e investimentos - uma coisa já não vai mais sem a outra, dadas as altas cifras que a indústria do turismo passou a mobilizar.¹⁶ Aliás, não se pode esquecer que o turismo ocupa hoje o primeiro lugar na balança comercial francesa, tanto quanto de vários outros países; e que, não por acaso, os grandes grupos econômicos estão financiando, implantando e por vezes gerindo esses parques - a começar pelas grandes empreiteiras que vêm progressivamente investindo em comunicação: elas ao mesmo tempo fazem cidades, redistribuem fluxos e geram imagens.¹⁷

George Ritzer - sociólogo americano e um dos principais formuladores da tese da McDonaldização do mundo - propõe ainda uma variante suplementar e não menos incisiva, a McDisneyização da indústria turística: cruzeiros, parques, cassinos, shoppings teriam se transformado progressivamente em parques de diversão, segundo o modelo Disney, numa mistura à McDonalds de uma linha de produção "racional" - fordista e taylorista, padronizada, ao mesmo tempo em que terceiriza serviços e recorre a trabalho altamente flexibilizado -, com um consumo que obedece aos novos padrões da sociedade de massa pós-moderna. Assim, se os "pacotes" oferecidos por estes parques e por toda a indústria turística que os alimenta precisassem se diversificar cada vez mais (aparentemente o oposto do que ocorre com os McDonalds), obedecem, no entanto, na mesma proporção, a idênticas regras de consumo, onde nenhum desvio pode acontecer: altamente eficiente, controlado e calculável. Na verdade, é mais um fenômeno a comprovar a curiosa dualidade de um mundo que, na superfície, se apresenta extremamente ordenado e civilizado, dualidade aliás que se reduplica na necessidade de consumir simultaneamente concretude e ficção, diversidade e repetição, eficiência e imprevisibilidade, novidade e familiaridade, autenticidade e simulação, e assim por diante.¹⁸

A abordagem de Ritzer segue em parte os argumentos de Sharon Zukin, à qual volto, em especial ao último capítulo do livro *Paisagens do poder - Moral landscapes* - onde a questão apontada como central para a reflexão sobre a nova espacialidade urbana é justamente a da relação entre a organização do consumo e a da produção. Como se articulam na nova ordem urbana - e, conseqüentemente, também na produção e consumo do espaço da cidade - numa época em que aparentemente o comando da economia está com o consumo, em especial através das estratégias que visam o consumo visual? Para a autora, seria um equívoco imaginar que o fato de esconder a força de trabalho (coisa que acontece nos Estados Unidos desde os anos 20) sugira algum tipo de descaço pelo aprimoramento tecnológico e da produção - ao contrário, "um incremento do modo reflexivo de consumo exige um modo maior de autoconsciência da produção", donde a sofisticação do *design*, da arquitetura e outras coisas mais, ou seja, a competitividade e a eficiência no consumo dependem da estruturação da produção. Ironicamente, algo como lembrar, por exemplo, que o consumo de drogas está articulado à economia de subsistência e à divisão étnica do trabalho tanto no Terceiro Mundo como em Miami. Enfim, uma análise do consumo exclusivamente em termos simbólicos acaba por ignorar sua relevância para as transformações estruturais.¹⁹ A partir dessa constatação, a autora devolve a palavra a David Harvey e à sua análise minuciosa dos reflexos dessa "articulação" no capitalismo "desorganizado" ou flexível no espaço urbano fragmentário, em *A condição pós-moderna*. Desnecessário recapitulá-lo aqui, mas não há como não lembrar, como o faz a própria Sharon Zukin, que o consumo visual (ou cultural), é uma dimensão do capitalismo contemporâneo altamente planejada (na qual seguramente permanecem resíduos fordistas como quer o autor da tese da McDonaldização do mundo), seguindo estratégias que induzem ao consumo "seletivo" do espaço e do tempo²⁰ e geram os famigerados processos de "requalificação" urbana, entendamos, de gentrificação e conseqüente segregação social.²¹ Também esta, acrescentemos, evidentemente tão escondida quanto os bastidores da produção - aliás convergentes, tanto do ponto de vista social quanto espacial. Segregação "exorcizada" (como diria Baudrillard), neste postico mundo da sociabilidade cordial, por assim dizer ficciona-

lizada (todo mundo segue um *script*), pelos serviços de última geração de nossas cidades cada vez mais "produzidas", inclusive na acepção *fashion* do termo. Como se sabe, o que se está a consumir é antes de tudo um modo de vida - *clean, cool, smiling* - a aparência cordial que deve escamotear, aos olhos do visitante (turista ou morador, visto que todos passamos a consumir as nossas próprias cidades, ou o próprio consumo que elas nos propiciam), sob a fachada de um *splendid new world*, o lado *ugly* e *dark* da violência, da pobreza e do trabalho precarizado.

Mas antes de encerrar esta digressão, volto aos nossos autores franceses e ao argumento premonitório deles, enunciado há dez anos atrás. Não é a primeira vez que uma estratégia americana faz a travessia do Atlântico e reencontra sua verdade mais profunda na França, sendo então reexportada para o resto do mundo como uma fórmula de sucesso. Foi o caso da cidade como máquina empresarial de crescimento, concepção americana que a França dos Grandes Projetos da Era Mitterrand assimilou, reinventou e vendeu como uma máquina cultural de crescimento, justamente porque acabara de descobrir o "cultural" como política de Estado em tempos de crise e desmanche social.²² Não seria justo, portanto, concluir - coisa que de resto nossos autores evitam fazer - que nessa outra travessia do Atlântico, cumprida agora pelos parques temáticos americanos, os empreendedores franceses se limitassem a copiá-los ou apenas adicionassem algo como um tempero local, no caso, a "animação cultural" - outro produto original francês - que se acrescentou a esses fragmentos urbanos. Mas não se trata apenas disto: um mero *upgrading* sublimando a compulsão neo-consumista recém-adquirida no plano superior da cultura. Não é bem assim. Já as fachadas ostensivamente midiáticas daqueles Grandes Projetos davam a entender o quanto o novo *establishment* francês estava operando com conhecimento de causa nessa área inédita de convergência entre eficiência econômica glamorizada e cultura como investimento de ponta. Resultou de fato um híbrido que depois se alastraria mundo afora: cidades da ciência ou das artes como parques temáticos e vice-versa, sobretudo vice-versa - parques-*malls* sobrecarregados de intenções pedagógico-científicas. Um engodo de massas, mas um achado. Na conclusão de nossos autores: "a internacionalização do par-

que temático se faz acompanhar pela vernacularização dos temas emprestados à cultura, mas a cautela científica dos *experts* vem sempre garantir que os modos de transmissão 'à maneira de Disney' não invalidem a autenticidade da mensagem. É a homenagem que a virtude pedagógica rende ao vício comercial."²³ Relembro todavia que se trata de algo mais do que simples casamento entre pedagogia e comércio, mas de uma sábia dosagem francesa de espetáculo iluminista da cultura irradiando seus benefícios civilizatórios, porém encenado num palco Disneyzado, quer dizer, no espaço capitalista por excelência nos tempos que correm - e sem curto-circuito, como se um Epcot cultural fosse a coisa mais natural do mundo. Digamos que o capítulo francês seja um caso exemplar de *mixité idéologique*, parques culturais mcdonaldizados, aos quais delega poderes de paradigma urbano, justamente por ostentarem uma vistosa âncora cultural. E como sabemos, parques tendem a ser muito misturados, em princípio. Resta verificar suas ambições urbanas variando agora o contexto, porém mantendo a estrutura original. Voltemos a Berlim.

II

Potsdamer Platz: micro-cidade evento (II)

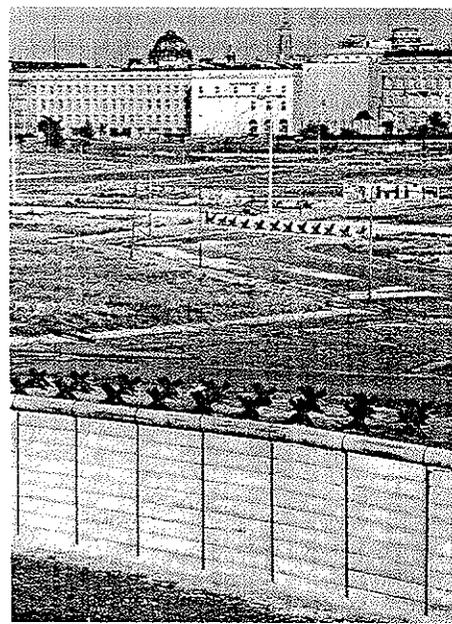
Como se viu, não foi nem um pouco por acaso que escolhemos o mais atual e vistoso conjunto urbano dos últimos tempos - Potsdamer/Leipziger Platz. Trata-se da aplicação mais enfática e escancarada deste novo modelo urbano. E obedecendo, por acréscimo, ao novo princípio da *Mischung*, reciclada do ponto de vista arquitetônico-funcional, simbólico e social. Uma micro-cidade-síntese da nova Berlim unificada? Para entender o significado e as implicações deste grande "empreendimento" talvez valha a pena recapitular brevemente como ele se deu, reconstituindo um pouco de sua história.²⁴

Trata-se de uma região berlinense com uma certa tradição, nem sempre muito nobre. Desde os séculos XVIII e XIX, a expansão da cidade para além de suas muralhas, a oeste, foi se configurando como um lugar de vilegiatura e, posteriormente, de residências de uma certa elite, em especial de altos funcionários do governo. Hotéis famosos, entre os quais o Bel-

levue e, o mais conhecido de todos, o Hotel Esplanade (hoje, parcialmente restaurado no interior do conjunto da Sony), cafés, com destaque para o Josty, mais tarde o Picadilly; casas de degustação de vinho, como a Weinhaus Rheingold (clara alusão wagneriana, aliás presente também na decoração), bem ao lado do Esplanade. E obviamente cervejarias. Quando em 1910-11 foi construída a Potsdamer Bahnhof, o turismo se intensificou e, após a guerra, o Haus und Café Vaterland podia oferecer, a quem chegasse pela estação, a reconstituição de uma série de ambientes folclóricos: paisagem do Reno, taverna espanhola, casa de vinho austríaco, vilarejo húngaro, café turco, entre outras atrações. Potsdamer Platz, em si mesma, não era mais do que um *carrefour*, onde se cruzavam pessoas, carruagens e, depois, carros. Os berlinenses orgulhavam-se de poder exibir ali, num poste de 8 metros de altura, a primeira iluminação noturna para veículos da Europa. No final dos anos 20, o tráfego berlinense, em especial no largo em frente à estação, era considerado superiormente comparável ao de qualquer outra metrópole. A modernização haveria de trazer as Galeries Lafayette para o lugar do Hotel Bellevue (num projeto "moderno" de Erich Mendelsohn), mas as negociações com a firma francesa fracassaram e acabou virando a inexpressiva Columbus-Haus. A partir de 1933, tudo mudou, a sede da Corte do Povo tornou-se o centro do nazismo, responsável pelo maior número de sentenças de morte do regime, também chamado de "quartelão central da eutanásia". Parcialmente destruída para dar lugar aos planos megalômanos de Speer, Potsdamer/Leipziger Platz acabou totalmente devastada pela guerra. Apesar de tudo, as ruínas lá estavam, mas aos poucos foram sendo derrubadas e incendiadas durante os confrontos que acabaram levantando o Muro, em 1961, dividindo de vez a área.

Restos do Esplanade e da Weinhaus Huth permanecem no novo conjunto, batizado agora de Potsdamer Platz, como tênues fios que o associam àquele passado histórico de pré-guerra. Há contudo algo mais nesta arquitetura tão pouco berlinense. De um certo modo alguma coisa da tradição do lugar foi retomada. Após a queda do muro, toda a região foi considerada um espaço estratégico de intervenção. Mais do que em todas as outras áreas (Friedrichstrasse, Unter den Linden, Parizer Platz, Alexander Platz, Centro Administrativo, Ilha dos

Em 1972 - vista do muro.
(foto do arquivo da cidade).



Potsdamer Platz em 1930
(foto do arquivo da cidade).



Museus), ali deveria ser implantado o grande símbolo da nova Berlim moderna e unificada, não só retomando a antiga animação do local, mas aparecendo como um *headquarter* - capaz de atrair grandes empresas multinacionais. Aliás, como se viu, todo o conjunto foi entregue à Daimler Benz (que já havia sido cogitada antes de 89), à Sony e à Brown-Bovery, por um preço, diga-se de passagem, correspondente a 1/10 do valor dos terrenos do entorno, em especial da Unter den Linden. O local não apenas estabelecerá o elo entre as duas Berlins, mas deveria apresentar para o mundo a nova imagem de Berlim como grande centro de negócios, sediando em particular o coração de todo o terciário avançado, como as demais *global cities*. Talvez nada disso se viabilize, logo diremos porquê, mas a operação estava lançada. Toda a política do IBA ia por água abaixo, tanto quanto a intenção da administração de Berlim de manter o desenho e os gabaritos da cidade. Tratava-se de criar uma *plaque tournante* entre o leste e o oeste - de Berlim, da Alemanha e da Europa.

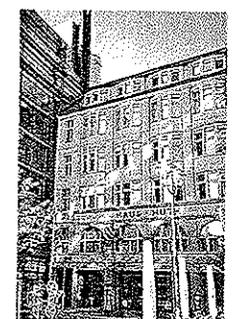
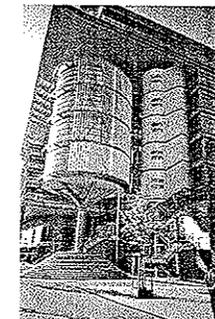
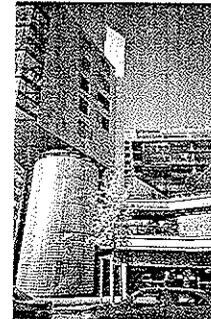
Sob iniciativa de alguns jornalistas do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, foram encomendados textos e projetos para essa região central de Berlim. Colaboraram 17 arquitetos renomados, cujas propostas foram recolhidas por Vittorio

Magnano Lampugnani numa exposição no Museu de Arquitetura de Frankfurt. Havia para todos os gostos. A megalomania de alguns arquitetos levou-os a projetarem imensas torres, de até 250 metros, como foi o caso de Kleihues, ou os arranha-céus de Kollhoff (com certeza os dois escritórios alemães mais "atuantes" no futuro próximo...). A reação foi imediata: gestos gratuitos, meramente artísticos, arquitetura pós-moderna, frívola etc. Mas, sobretudo - alegavam os descontentes -, pouco berlinense. Em julho de 1990, o Grupo 9 de dezembro publicou uma "Carta do centro de Berlim", reivindicando pequenos lotes, *mistura de funções*, diversidade social e ecologia urbana. Mas o dissenso entre os arquitetos e o poder central, apesar da mediação de um comissário especial do Senado²⁵ para a construção, não terminou por aí. Enquanto o Senado convocava (junho de 1991) um concurso internacional, as associações alemã e berlinense de arquitetos organizavam um outro e expunham as propostas na Martin-Gropius-Bau. Finalmente, o governo acabou por escolher, em outubro, o plano geral proposto por Hilmer e Sattler (de Munique) o que resultou em novas críticas... a começar por um dos membros do júri, nada mais nada menos do que Rem Koolhaas que, em carta aberta, acusava o comissário do Senado, Stimann, de sucumbir a uma concepção urbana reacionária, provinciana e amadoris-

tica. Outros protestos se seguiram. Os representantes da Sony e da Daimler-Benz estavam insatisfeitos, achando que se tratava de um projeto *a la* século XIX. Richard Rogers, um dos perdedores, chamou-os a Londres, juntamente com a ABB, e propôs um plano composto de uma *people's place*, blocos homogêneos em forma radial, culminando no alto com uma torre, túnel para o tráfego de automóveis etc. Enfim, um projeto mais "arrojado" como se diz nesses meios, mas sem romper inteiramente com os códigos e o desenho urbano berlinense. Acusado de agir em interesse próprio, conseguiu a façanha de unir contra si arquitetos e políticos, e a Daimler partiu para um novo concurso, em setembro de 92, então de projetos arquitetônicos, quando Piano e Kollbeck ganharam o primeiro prêmio, seguidos por Ungers, Isosaki, o próprio Rogers e Kollhoff, posteriormente integrados ao projeto (salvo Ungers, que se retirou), mais Moneo e Lauber/Wöhr. Quanto à Sony, de seu lado, convidou sete arquitetos a apresentarem projetos e acabou escolhendo o germano-americano Helmut Jhan. A Brown Boveri optou por uma solução mais modesta, com blocos em forma de H ou U (numa reminiscência atenuada e certamente não intencional, ao menos por parte da ABB, dos conjuntos habitacionais do Leste), blocos de tijolos e altura média - não por acaso do arquiteto "neo-racionalista" Giorgio Grassi -, como os demais, preferencialmente prédios de escritórios, em proporção bem menor, habitação e, finalmente, espaços de lazer e cultura.²⁶ Do projeto original de Hilmer e Sattler, no entanto, pouco restou.

A disputa em torno da construção deste pedaço de cidade pode dar a devida medida do que representa para a nova capital, ou, quem sabe,

Arquitetura variada do conjunto da Daimler-Benz e ABB
(fotos da autora).

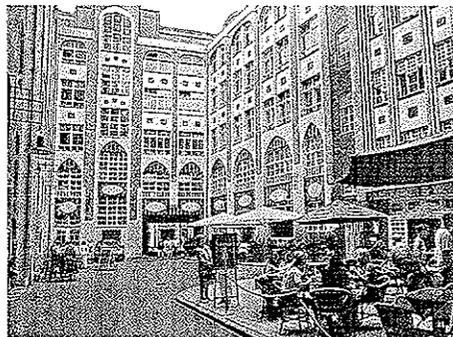


imaginam seus idealizadores que represente, mas sobretudo, obviamente, para os grandes negócios. Como disse alguém: ele agora faz parte da paisagem de Berlim e temos que conviver com ele, ou esforçar-nos por fazê-lo... Tudo ali parece obedecer à intenção de criar uma mini-cidade, com sua variedade de funções, de arquitetura e espaços: ruas, praças, espelhos d'água etc. e, no entanto, tudo é monumental, espetacular, excessivo, pouco acolhedor. Tem-se a nítida sensação de que há um erro de escala e, quem sabe, de lugar. Por enquanto, uma chamativa atração turística e grande parte dos espaços totalmente ociosos de escritórios ou residências. Na verdade, o que se discute é se de fato Berlim teria alguma chance de se transformar numa *Weltstadt*. Alguns analistas são categóricos a esse respeito: não há como; ela jamais será uma sede privilegiada de serviços avançados ou um grande centro financeiro, concorrendo com outras cidades mais estratégicas da Europa, a começar, na própria Alemanha, com Frankfurt. Também não será o lugar escolhido pelas centrais das multinacionais, nem mesmo as majoritariamente alemãs. Pelo menos até agora nenhuma mudança estaria ocorrendo nessa direção. Fala-se em um milhão de metros quadrados de escritórios ociosos.²⁷ Sempre sobra ser a imagem-símbolo da Alemanha ou um centro cultural privilegiado, europeu ou global - mas mesmo aí, do que se está de fato falando? Onde as luzes germânicas, o tão decantado *Geist* alemão? Pouco sobrou da arquitetura áulica, há muitos museus (algo como 170) mas as coleções nem sempre são extraordinárias e ninguém sabe o que fazer com tantos museus. Enquanto isso, os palcos (são 50 teatros) e suas três casas de ópera vão acumulando enormes déficits - estimado, só na área da cultura, em algo entre 50 e 70 milhões de marcos anuais²⁸ - e não hão de ser os novos equipamentos midiáticos e seus festivais que lhe assegurarão o

posto de capital cultural mundial. Dificilmente Berlim conseguirá repetir a proeza de Paris, com uma cultura nacional sedimentada há séculos. Enfim tudo, inclusive as expectativas, parecem ter sido superdimensionadas na reforma da nova capital, a começar pelo exemplo em que estamos nos detendo, Potsdamer Platz. Só para ficarmos na área cultural, seu Cinemaxx ou as múltiplas salas de cinema que, segundo os críticos, só podem ser “animadas” pelo festival de Berlim, no resto do ano permanecem quase totalmente ociosas (além de provocarem o fechamento das demais salas da cidade, a começar pelas mais famosas, em Kurfürstendamm). A verdade é que, apesar das altas subvenções do governo central, Berlim vai se endividando cada vez mais (e as cifras são inimagináveis), com os seus canteiros de obras que não cessam de se multiplicar.

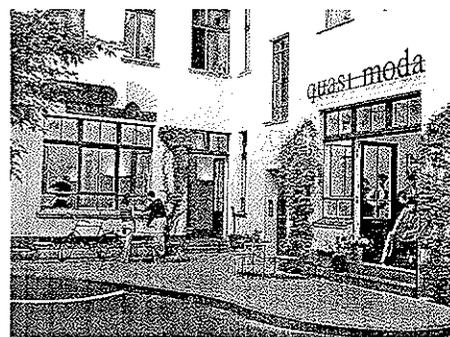
Ao mesmo tempo, na outra ponta, a cultura *underground*, que era uma das marcas de Berlim, inclusive pela situação que ocupava depois da guerra - uma verdadeira ilha no meio do país do Leste, para onde convergiam todos os *outs* dos circuitos oficiais - não tem lugar algum neste centro midiático e vai aos poucos sendo varrida do resto da cidade: museus reciclados, grandes mostras (como a Bienal), cafés e restaurantes incrementados, vão expulsando a boêmia - galeristas e artistas jovens vão sendo empurrados cada vez mais para o norte. Os cafés e espaços *cult* do antigo *Mitte* do Leste estão passando para as mãos de empreendedores. Prinzlauerberg transformou-se num lugar chic! Próximo de lá, uma tradicional cervejaria virou um *Village*, com salas de cinema e outras atividades culturais. Da

Hackesche Höfe no velho *Mitte*
(foto: *Neuen Architekturführer* n.15,
Stadwandel Verlag).



antiga fábrica, apenas a chaminé, sempre um objeto pitoresco num ambiente evidentemente midiático. Obviamente, como em todos estes novos equipamentos de *amusement*, não foram esquecidos o *Village Café* e um ponto sofisticado, o *Leopold Wirtshaus*. Seus frequentadores, como os de muitos dos bares e restaurantes à volta, quase todos com mesas nas calçadas (afinal as pessoas vão aí para verem e serem vistas), imaginam-se um tanto provincianamente em Greenwich ou no Soho, ou ainda, na Paris existencialista do pós-guerra (o que não tem nada a ver com os hábitos da gélida Berlim). Ao mesmo tempo, as famosas *Höffe* de *Rosenthaler* e *Sophienstrasse*, antigamente equipadas com pequenos serviços para seus moradores, se converteram em bares e *boutiques fashion*, galerias e tudo o mais para os *ins*, com direito a ambientes em néon colorido e decorações *Jugendstil*. Aparentemente, os grupos alternativos, especialmente as pequenas trupes teatrais, tiveram que emigrar para os bairros mais distantes.

Tudo leva a crer que estamos mesmo diante de um enorme processo de gentrificação do centro, sem que se saiba ao certo qual a viabilidade e a proporção exata, pois justamente o que se imaginava que ocorresse - uma colossal imigração vinda do resto da Alemanha - não só não se deu, como os próprios berlinenses quase não se deslocaram de suas respectivas “metades”: os moradores do Leste e do Oeste continuam em geral residindo no seu “lado” de origem. Ao mesmo tempo que a pressão parece forte no sentido de expulsar os moradores de renda mais baixa para o perímetro externo da cidade, ou ao menos afastá-los das regiões mais centrais, a verdade é que Berlim é uma cidade relativamente pobre. Como declarou um sociólogo alemão, em entrevista recente a um jornal brasileiro, o índice de desemprego é dos



maiores da Alemanha (16,5% contra uma média de 9,8% no resto do país - e ele não só cresce no leste como no oeste; entre os imigrantes turcos, por exemplo, há 40% de desempregados).²⁹ A *mistura* aí, portanto, continua a existir pela própria situação social da cidade - a diversidade não é propriamente um mérito mas um *handicap* -, embora certos ambientes e espaços semi-fechados sejam por si só dissuasivos. Potsdamer Platz, por enquanto, não passa de uma atração turística principalmente para os próprios alemães. O que não deixa de ser uma ironia a mais com a qual ninguém contava. Pouco consola saber que atrai muito mais visitantes do que qualquer outra área reconstruída de Berlim (concorrendo apenas com o *Duomo high tech* do Parlamento).

Do sonho à realidade

Para entender o papel que, nas atuais estratégias urbanas, têm esses novos espaços múltiplos, de visibilidade máxima, em especial num caso como o que estamos tomando como exemplar - Berlim -, de modo a distinguir, por exemplo, o discurso (seja animado de boas intenções ou simplesmente de ilusões) e a prática, é útil ter presente alguns dados sobre as transformações econômicas e sociais que vêm acompanhando um tal *boom* arquitetônico. Retomo de forma sumária algumas das conclusões a que chegou uma pesquisa, patrocinada por várias entidades francesas e alemãs, de um grupo de geógrafos, arquitetos, urbanistas, sociólogos e politólogos de ambas as nacionalidades, e publicada recentemente sob o título *Paris-Berlin*.³⁰

Começo pelos prognósticos pouco alvissareiros do especialista em geografia econômica, Stefan Krätke, que, na contramão dos sonhos metropolitanos berlinenses, constata que a evolução econômica da capital alemã, de 90 para cá, não oferece motivo para euforia. Também registra a redução drástica de empregos (60% de 1990 a 1996), não só pela liquidação das indústrias do Leste, mas também pela supressão de subvenções às do lado Oeste, desde sempre estruturalmente fracas e que acabaram fechando ou se deslocando para outras cidades.³¹ Afinal elas estavam ali graças aos incentivos, tanto quanto - é preciso não esquecer - parte da população. Tratava-se de fazer de Berlim uma vitrine para o capitalismo em pleno coração da Alemanha do Leste. O que levou, por exemplo, nos anos 50, o Governo alemão (na época, Willy Brandt), a

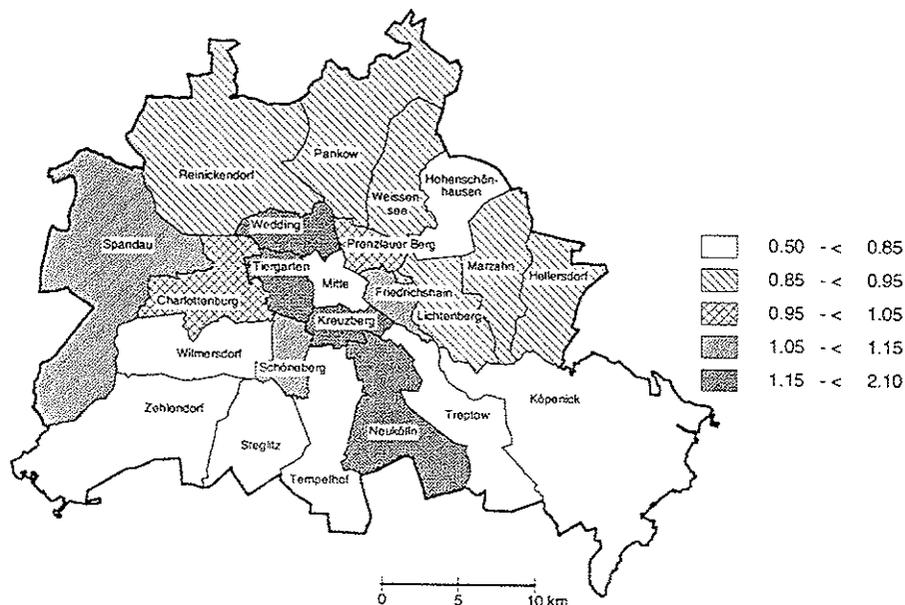
patrocinar a construção de todo um bairro (*Hansa Iterbau*) por mestres famosos do Movimento Moderno. Poucos anos depois, em franco contraste com o Muro, nas imediações da porta de Brandenburgo e ao lado da atual *Potsdamer Platz*, o Governo igualmente instalou equipamentos culturais assinados por Mies van der Rohe (o Museu de Arte Moderna) e Sharoun (a Filarmônica e a Biblioteca); sem esquecer uma iniciativa como a do porte do IBA, nos anos 80, a que nos referíamos no início. Assim, se tudo na Berlim do pós-guerra já era bastante artificial, não espanta que se inventasse uma Berlim como *global city*. Simplesmente trocava-se uma fantasia por outra, verdade que bastante *up to date*: sua conversão numa metrópole do terciário avançado (para variar!), em suma, um centro estratégico global econômico e de serviços. A grande maioria de seus projetos urbanos, em especial os de *Potsdamer/Leipziger Platz* parecem por certo vir ao encontro desta nova aspiração. Mas, para tanto, ela precisaria ser de fato a sede das grandes empresas, daí as vantagens oferecidas àquelas que patrocinaram este último empreendimento e, nele, o fato de privilegiar os espaços destinados a escritórios, tanto quanto os negócios culturais mais prósperos e mais ligados às indústrias de ponta, ou seja, cinemas, mídias, e até mesmo um cassino.

Voltando a Stefan Krätke.³² Através de um levantamento minucioso, o autor mostra que boa parte das empresas berlinenses dependem de controles externos e de outros centros (e, como se sabe, as matrizes podem reduzir drasticamente investimentos, empregos etc.) e que, portanto, Berlim não tem muito poder sobre seu próprio destino econômico, nem os agentes políticos podem mais do que oferecer vantagens banalmente competitivas. Do mesmo modo, e por consequência, observa que também na área de serviços, as atividades tendem a decrescer (distinção, aliás, que não lhe parece muito correta, pois em muitos setores - alguns muito importantes em Berlim, como o da mídia ou da cultura -, uma separação clara entre serviço e produção é impossível). Para corroborar - deixando de lado o dualismo que lhe parece simplista -, estabelece uma série de quadros estatísticos demonstrando como parte dos efetivos em alguns setores “estratégicos” têm sido reduzidos. Por exemplo, de 1993 a 1996: cultura (-9,8%), indústrias tecnológicas (-22,4%), indústrias tradicionais (-20,7%), serviços financeiros e imobiliários (-1,4%), serviços às empresas (+7,2%, o único que cresceu);

do mesmo modo, em energia, transportes (este, inclusive, o campeão, com -25,9%), comércio, manutenção e até mesmo administração do Estado (-16,4%). Ao mesmo tempo, comprova que, dentre os cinco primeiros setores-chaves, a cultura vem em segundo lugar, enquanto as indústrias com forte capacidade de pesquisa e desenvolvimento técnico, em último. Além disso, comparativamente, em relação às outras áreas metropolitanas da Alemanha - Hamburgo, Frankfurt, e Munique - Berlim só se destaca em serviços de manutenção e administrativos, em especial na administração de bens imobiliários. Também, salvo nestas duas áreas e nos serviços às empresas, a taxa diferencial em relação às outras regiões tem crescido. Tudo, portanto, leva-o a concluir que dificilmente Berlim merecerá o título de metrópole terciária ou cultural.³³

Outro dado levantado pelo autor é o da suburbanização do emprego - o que não deve ser visto apenas como um fenômeno natural, pois não se trata de uma transferência de empresas ou de postos de trabalho para a coroa urbana periférica, pois as perdas no interior da cidade não foram compensadas por pequenos aumentos na

Mapa de Berlim com a distribuição espacial das populações carentes, de acordo com a renda (em Krätke/Borst).



periferia e estes não representariam nenhum novo *élan* econômico, mas talvez um dos derradeiros trunfos na competição de soma zero entre Berlim e os municípios periféricos do Brandeburgo pelos últimos redutos industriais. Justamente Berlim não apresenta a estrutura dual de muitas das outras cidades metropolitanas, ao contrário, há toda uma série de produções industriais (tradicionais ou avançadas) dispersas pela cidade, embora progressivamente com forte tendência a formações de *clusters*.³⁴ Por exemplo, o setor financeiro possui um grau de concentração maior do que as indústrias tradicionais mais fracas. Outras atividades que Krätke considera sintomaticamente mais concentradas, e em regiões centrais da cidade, são exatamente as ligadas ao setor cultural, tanto quanto as indústrias de forte capacidade de pesquisa, reproduzindo nisto, aliás, a correlação dos altos serviços e do setor financeiro de todos as regiões metropolitanas (embora nem sempre isso ocorra nos centros urbanos tradicionais, mas naquelas áreas que vêm sendo chamadas de “novas centralidades”). O que, por sinal, adverte o mesmo autor, sempre em registro cético, não a capacita a ser um centro econômico estratégico.³⁵

No que concerne aos conglomerados culturais - dos setores informais à “cidade dos mídias” - Krätke não tem dúvidas quanto às suas vantagens, seja pelo que podem representar como atra-

ção turística, seja pelo que ganham em eficiência. Obviamente, no seu argumento não há lugar para os atuais empreendimentos arquitetônicos imobiliários superdimensionados, irrealistas quanto à fantasia de uma *Welstadt*, embora muito pragmaticamente realistas no que se refere ao curto prazo dos negócios. Mesmo assim, considera de fundamental importância para o futuro de Berlim, no qual acredita, o fato de que a área central da cidade sempre foi e continuará sendo a localização mais favorável a uma constelação de atividades vinculadas à pesquisa e desenvolvimento em âmbito industrial e sobretudo à inovação na produção cultural. Uma ressalva que não faria sentido em sua contra-argumentação, não fosse sua crença muito arraigada na lendária *Mischung* berlinense, quer dizer, sua firme convicção de que a manutenção daquele arranjo é vital para a preservação da “associação, nos bairros mais densamente urbanizados de Berlim, de lugares de produção e habitação”. Esse o “precioso potencial” da cidade que a voracidade dos empreendedores imobiliários estaria pondo a perder. “Durante muito tempo Berlim se deixou embriagar pelo brilho das novas fachadas dos edifícios, pela construção de fortalezas de escri-

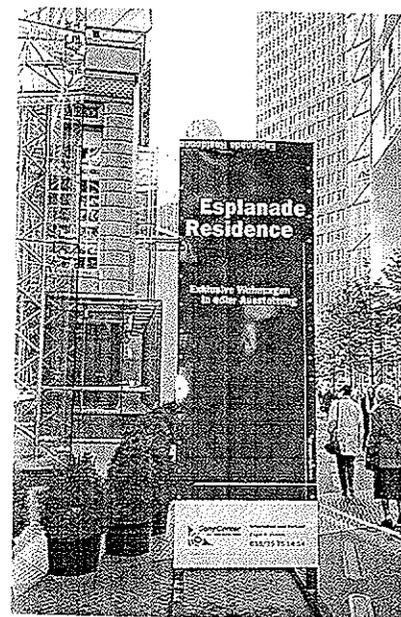
tórios e de complexos comerciais erigidos pelos habituais caçadores de subvenções. Estes assim chamados investidores não têm nada a ver com as atividades produtivas e sua importância para a economia urbana. Eles podem mesmo, a longo prazo, solapar seus fundamentos se se levar em conta os efeitos deletérios da pressão especulativa para a conversão das zonas industriais de produção da área urbana central.”³⁶

Desastre que não pode, evidentemente, ser compensado pela criação de arquipélagos de alta tecnologia ou cultura, os quais não chegam a resolver minimamente a crise de desemprego e de desintegração social em Berlim face às práticas arrasadoras dos promotores imobiliários - as fachadas monumentais não conseguem esconder os verdadeiros problemas da cidade, apenas disfarçados por uma operação de marketing. Quando a salvação de Berlim talvez estivesse justamente em ser estimulada a manter um espaço de produção diferenciada e não apenas a ser um centro privilegiado do “terciário avançado” - o que a estaria (ou está) levando a um beco sem saída.³⁷ A multiplicação de grandes projetos parece apenas corresponder a uma *vontade de poder* que se traduz por imagens grandiosas (ainda uma vez! afinal Berlim *s'y connaît*) de prosperidade, bons negócios e muita “criatividade” (no novo jargão empresarial).

Desnecessário repisar tudo o que já se disse sobre os inconvenientes dos grandes projetos para as cidades, a começar pelo impacto que em geral exige enormes contrapartidas da administração pública, mas também porque, ao produzi-lo, como que desmancham o entorno - espaço e serviços - em proveito próprio, degradando-o, desvalorizando-o, ou, ao contrário, levando-o a também reproduzir o mesmo processo e, conseqüentemente, a simplesmente empurrar as fronteiras da segregação para mais adiante. O resultado é uma verticalização e hiper-adensamento, às vezes físico, pois em geral não corresponde às expectativas da população, ou melhor, em língua de negócios, à demanda, pois passa a ser uma máquina autônoma de gerar valor.

Chamo a atenção para mais um dos estudos deste grupo franco-alemão, de Vincent Renard,³⁸ sobre as bolhas especulativas que obrigam os investidores a conceberem projetos absurdos, como prédios de 1.000 m. de altura, cujo objetivo é menos realizá-los do que demonstrar a sua viabilidade: “o importante aí é a articulação entre mecanismos financeiros e formas urbanas de um lado, e as contradições e os impasses aos quais ela conduz,

Sony-Center: Residência Esplanada. Moradias exclusivas num cenário nobre (foto da autora).



de outro.³⁹ Berlim, segundo ele, foi reunificada quando a bolha internacional estava no seu auge, mas acabou reproduzindo em parte o fenômeno com um certo atraso, em 1992-93, desconectando os preços e levando a uma superprodução de certos setores, por exemplo, de escritórios, logo em refluxo, repetindo o mesmo ciclo dos demais. Mas enquanto dura o movimento ascensional é como se todos se beneficiassem, dos pequenos proprietários às municipalidades, gerando comportamentos de consumo correspondentes e animando as bolsas com os fundos imobiliários, dando aos beneficiários, hipotéticos ou não, a ilusão de que suas escolhas correspondem a uma "profecia auto-realizadora".

Às vezes, como adverte o mesmo autor, o efeito pode ser o inverso ao da concentração: a fuga dos bairros "sensíveis" e a expansão periférica (é o que, do ponto de vista da habitação, ele acredita que possa ocorrer com Berlim, contrariando pois a intenção de adensar o centro - política de *inner city* que vem, aliás, desde muito antes, e que está na origem do grande *brain storm* empreendido pelo IBA). Mas a consequência mais desastrosa, reconhece, estaria reservada à habitação social, totalmente relegada por estas bolhas imobiliárias, se não totalmente, ao menos para fora das *fronteiras*⁴⁰ dessas áreas "requalificadas" e altamente valorizadas, o que está obviamente conjugado a um crescimento da polarização urbana.⁴¹ Deixando de lado a proposta de uma "planificação de mercado" e principalmente os instrumentos que o autor aponta, ou de uma planificação urbana que leve mais em conta estas questões econômicas, registro apenas a identificação que ele faz desse processo também em Berlim e o alerta para um possível desequilíbrio (a meu ver já aliás visível) entre "densidades inutilizadas em abundância" e escassez habitacional, na outra ponta. O paralelo final é com as Docklands londrinas, onde se imaginava poder financiar, com essa especulação imobiliária à solta (que elevou às alturas o preço dos terrenos que depois desabaram), da habitação social à extensão do metrô, mas que para se viabilizar teve que recorrer a uma forte injeção de dinheiro público - o que fez novamente o mercado se reerguer. E conclui: "Este tipo de parceria público-privada que esgota os ciclos econômicos se traduz pois no plano redistributivo por um caráter regressivo: perda pública, ganho privado. A evolução dos mercados imobiliários nos anos 90 pôs isto claramente em evidência".⁴²

No caso específico em discussão, Potsdamer/Leipziger Platz: os anúncios de apartamen-

tos à venda (algo em torno de 20% da área construída) - p. ex., "moradias exclusivas num ambiente nobre", ou, "venha morar num cenário nobre", como se pode ler em painéis publicitários no Sony Center - são bastante sugestivos quanto ao público alvo, como se diz. Possivelmente, se Harald Bodenschatz, o sociólogo citado há pouco, tem razão sobre o índice de desemprego em Berlim, continuarão ociosos, e a tão decantada *Mischung* não passará de uma ilusão fugaz nos subterrâneos do metrô, pois nem mesmo os atuais espaços abertos daquelas antigas praças, aliás, em geral tomados por chafarizes ou espelhos d'água (afinal esta não é uma invenção brasileira...), são propícios ao uso, muito menos a qualquer tipo de "interação", ou "sinergia" (como gostam de falar os seus ideólogos).

Antecedentes

Ainda, no que diz respeito à distribuição socio-espacial em Berlim, é preciso lembrar que, apesar da provalada *mistura* berlinense, especialmente no início da época manufatureira, quando havia uma relativa proximidade entre as várias camadas sociais, estas se distribuíam de forma bastante hierárquica nas construções que, não à toa, eram denominadas *Mietskasernen*,⁴³ abrigando apartamentos totalmente diferenciados (os que davam para a rua e os internos, os dos andares mais altos e mais baixos etc.). Esta relativa "mistura" no entanto foi desaparecendo com o que Hartmut Häussermann chama "urbanismo capitalista"⁴⁴ e com o aparecimento da grande indústria, quando nas regiões norte e leste passaram a se concentrar as habitações de uma só peça, sombrias e mal arejadas. Em 1918, eram estas as condições de 40% dos alojamentos - em oposição às residências dos *faubourgs* e de certos arredores privilegiados (sobretudo a oeste) da cidade. A segregação a partir daquele momento é indiscutível. Mas Berlim sofreu também uma segunda onda "democratizante", com a Bauhaus nos anos 20 e a construção das *Siedlungen*, especialmente durante as gestões de Mölcher e Martin Wagner. Pela primeira vez, diz Häussermann, confiou-se aos arquitetos a tarefa de construir grandes quantidades de alojamentos: durante a República de Weimar teriam sido construídos 135.000, dos quais 83.000 por sociedades públicas de habitações sociais, entre os quais estão o famoso loteamento Uncle Tom, e a Siemenstadt. Modernos, coloridos, ajardinados e mais ou menos padro-

nizados (obedecendo ao princípio da igualdade!), eram uma alternativa às *Mietskasernen*, devendo abolir a dicotomia centro/periferia. Na verdade, como mostrou Tafuri num texto famoso,⁴⁵ as *Siedlung* reproduziam a dualização da cidade, só que deixando o núcleo urbano anterior entregue a si mesmo - ou seja, invertendo o sinal -, mas sem desfazer os antagonismos. Aliás, por isso mesmo, segundo Häussermann, altos aluguéis acabaram fazendo destas *Siedlung* bairros que não se destinaram à classe operária. De qualquer modo, pretendia-se que fosse a residência do "homem novo": testava-se o princípio da habitação popular com "qualidade" de serviços (água, luz, banheiros etc.), espaços mais amplos, sem falar na proximidade do local de trabalho, poupando tempo e esforço dos moradores (verdade que colaborando no barateamento da força de trabalho).

No pós-guerra, o panorama modificou-se totalmente. Não havia nenhum atrativo para investimentos privados numa meia cidade ilhada na Alemanha oriental. A Berlim ocidental, semi-destruída, acabou de sê-lo pelas construtoras que a reconstruíam com altas subvenções do governo federal (e negociatas de todo o tipo, como documentam muito bem os filmes de Fassbinder), com a condição de que fossem oferecidas moradias baratas. Isso se deu, espalhando tais habitações por toda Berlim, criando assim uma certa mistura que não obedecia exatamente à lógica do mercado. Este caráter atípico, ao invés de proporcionar uma saudável *Mischung*, entrou ainda mais a economia e expulsou a mão-de-obra qualificada e as elites econômicas - os que restaram se mantiveram na periferia oeste e sul. Os grandes apartamentos centrais iam sendo abandonados e acabavam se transformando em moradias populares ou comunitárias - o que os tornou atraentes especialmente para os imigrantes e estudantes (os *squatters* dos anos 70). Ao mesmo tempo houve um desadensamento na região oeste, em especial no centro, enquanto a periferia se expandia.

Já no Leste, procurou-se criar uma moradia "socialista" exemplar: grandes conjuntos foram construídos e uma mistura *sui generis* acabou ocorrendo. Uma das principais metas da política e do urbanismo socialista, como se pode imaginar e registra Häussermann, era suprimir a segregação existente nas cidades capitalistas, substituindo-a por um congraçamento

das diferentes camadas sociais, atribuindo-lhes alojamentos igualmente de qualidade e de tamanho uniforme: os mais conhecidos são os da Karl-Marx-Allee. As pessoas eram "escaladas" para morar ali, independentemente da posição social, a única restrição era de ordem política, ou seja, todos os suspeitos de dissidência eram alijados. Isto é, a mistura, depois tornada proverbial ("a empregada doméstica ao lado do diretor de empresa"), até certo ponto existia nestes conjuntos. Ocorre que a proximidade era unicamente física: de dia trabalhavam todos e as crianças iam para as creches das empresas, no fim de semana refugiavam-se nas suas pequenas *datchas*, onde era permitido construir sua própria casinha. Além do que, a preferência era sabidamente dada aos jovens casais com filhos e "sólida formação" profissional, de maneira que se pudesse realizar exemplarmente af o "modo de vida socialista". Sem contar que, parte da cidade - as antigas *Mietskasernen* -, era ocupada por dissidentes e suspeitos (marginais de toda espécie) que tinham que se contentar (ou preferiam) habitações fora do padrão, mas em compensação, completamente degradadas e sem nenhuma manutenção.

Como se vê, a famosa *Mischung* berlinense era ou fruto das limitações econômicas, ou imposição política, sem que se tenha nenhuma comprovação de que se tratasse de uma verdadeira integração social, de um autêntico pluralismo, menos ainda de socialismo... Por sinal, um levantamento feito na década de 80 constatava que, no antigo Leste, a taxa de habitação operária, nos bairros tradicionalmente proletários, baixara em relação ao início do século e que a cidade fora socialmente redeseenhada pelo regime comunista: a massa dos trabalhadores (ao menos a não qualificada) foi para os bairros distantes, para os conjuntos habitacionais de Marzahn, Hohenschönhausen e Hellersdorf, enquanto os alojamentos mais bem equipados e centrais eram atribuídos, preferencialmente, à classe média "socialista" e mais instruída (como acabamos de referir). Ao contrário do que ocorreu em Berlim Ocidental, onde os bairros operários tradicionais continuaram concentrando mais trabalhadores, enquanto a classe média e intelectualizada avançava sempre mais para oeste e sudoeste, distanciando-se do centro, que foi progressivamente se esvaziando - o que as iniciativas do IBA (volto a lembrar) e, agora, do Senado, em regiões como a de Potsdamer Platz ou Friedrichstras-

se, vêm tentando em princípio reverter. Portanto, nem de um lado, nem de outro, a mistura era algo consistente. E o que alguns estudiosos afirmam é que a setorização (e, por vezes mesmo, segregação) da cidade tende a se acentuar: sejam as áreas "especializadas" do centro - administração, museus, mídia (grandes cadeias de televisão e seus estúdios); os bairros de galerias e artistas - o Scheunenviertel, algo geograficamente menos estável, pois depende mais das pressões econômicas e do mercado, como adverte Klaus Brake⁴⁶ (aliás eu lembraria o quanto foi avançando, do velho *Mitte* na direção de *Prenzlauerberg*); sejam os novos grandes projetos - conjuntos mistos, mas sem nenhuma integração no contexto.

Contradições?

Voltando ao nosso foco privilegiado. Potsdamer Platz é sem dúvida um desses conglomerados de prédios e funções que, em tudo e por tudo (concepção, arquitetura) destoa completamente de todo o resto da cidade e que, na tentativa de ser uma síntese de sua urbanidade, parece mais ter se transformado num enclave, mais exatamente, como vimos, num verdadeiro "parque temático". Aliás, procurado por turistas em sua maioria alemães, ou mesmo berlinenses, como se observou. E o pior, na busca de uma identidade perdida, ou de antecipação de um futuro que se sabe incerto. O que de fato representam os 4 bilhões de marcos ali investidos?⁴⁷ Os devaneios a respeito giram em torno dos estereótipos alemães clássicos: *Gemütlichkeit* (aconchego), para caracterizar a ambiência desta *Kleinstadt*, ou, como se pode ler no *Berliner Morgenpost*, "uma atmosfera agradável e tranquila e aprazível", como se

estivesse sendo descrito um *Bad Berlin* (ou seja, um spa ou uma estação de águas - comenta ironicamente o mesmo Werner Sewing, citado inicialmente). E, no entanto, o que se vê, diz ele, é um miniaturização dos arranha-céus americanos, combinada a uma concepção de espaço medieval, de alguma pequena cidade italiana - até na cor "anêmica" alaranjado pálido (segundo um outro jornal, o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*) dos prédios do genovês Renzo Piano. "Potsdamer Platz é um parque temático em que os motivos significativos da cidade-grande são apresentados ao pedestre como amigáveis, próximos ao idílio da pequena cidade sem automóveis. Os elementos irritantes da infraestrutura urbana, como o tráfego utilitário, devem ser banidos para o subsolo. Uma pitada de Itália (praça de Siena, blocos de escritório milaneses), um traço nova-iorquino, citações da história arquitetônica dos anos 30 aos 70, um toque de Paris no boulevard abreviado com suas inumeráveis mesas de café - tudo isto foi reunido aí. Só os ingredientes berlinenses foram esquecidos."⁴⁸

Não passa despercebido - já que tudo ali apela para o imaginário do visitante - que, unindo o Music Hall ao Cassino, há uma praça com o nome da mítica Marlene Dietrich. Um lembrete que em nada muda a avaliação de Sewing, para quem, mesmo que nada num parque temático seja, por definição, original, não há em Potsdamer Platz qualquer parentesco com a antiga Potsdamer-Leipziger Platz (ressalva feita aos dois remanescentes já mencionados lá atrás, a Haus Huth, "ensanduichada" entre os demais prédios, e um fragmento do Hotel Esplanada, transposto para o Sony Center, isto é, deslocado para permitir o alargamento da Potsda-

mer Strasse), apesar de a alardeada intenção original tivesse sido revivê-la. Como aliás também pouco tem das grandes cidades européias ou americanas: não há nada nela que se possa comparar aos generosos bulevares franceses que pretende mimetizar - para os verdadeiros flaneladores a rua é muito estreita... -, ou à dramática densidade de um centro urbano, como o de Nova York.⁴⁹

Enfim, poderíamos concluir, no mesmo registro: uma provinciana Manhattan. Por sinal, as três torres que encabeçam os dois conjuntos, a de Renzo Piano, a de Kollhoff e a de Helmut Jahn, embora excessivas para os gabaritos berlinenses, são extremamente acanhadas para os padrões americanos (ou mesmo se comparadas às novas grandes torres européias) e estão longe de compor algo semelhante ao Rockefeller Center, por vezes lembrado; muito menos, em sua total disparidade, de sugerir um pórtico, conforme os seus idealizadores, para justificar o contraste que estabelecem com os demais prédios do entorno. Se o Sony Center, talvez por ser projetado por um único escritório, tem mais unidade que o conjunto da Daimler-Benz, suas fachadas em aço e vidro não são em nada extraordinárias e os visitantes parecem apenas prestar atenção à sua engenhosa cobertura circense, aliás, projetada a posteriori, para suprir um erro elementar: uma praça interna ao ar livre em plena Berlim! Reminiscência da Filarmônica e do Music Hall de Sharoun, como quer Jahn? Se for, lembrança tardia... Quanto à tão decantada Daimler Platz, proje-

tada por Piano, de fato um verdadeiro *show room* de arquitetura para todos os gostos: a caixa de vidro escalonada de Rogers, compondo com os cilindros recorrentes em seus projetos - não por acaso um dos que se rebelaram contra a monotonia dominante berlinense e responsável (que isto não seja um mau presságio) por um outro parque temático, este sim, um bric-a-brac único e o mais gritante fracasso dos últimos anos, o milionário Millennium londrino, atualmente desativado; ao lado, os prédios num discreto amarelo queimado, de Renzo Piano, que não deixam de lembrar o Irfam de Paris, embora subordinando-os ao princípio da variedade que ele mesmo adotou; o Hotel Hyatt de Rafael Moneo, com suas monotemáticas janelas quadriculadas; a torre de tijolos escuros de Kollhoff, numa clara citação ao neo-gótico americano; sem falar nos dois blocos de Isosaki, mais uma vez na sua discreta terracota rosada, já encontrável no Museu de Arte Moderna de Los Angeles. Enfim: a maior variedade de cores e formas, tanto quanto de funções - neste ponto, não há dúvida, uma "mistura" para ninguém por defeito. Mas não era disso que se tratava. Ou era?

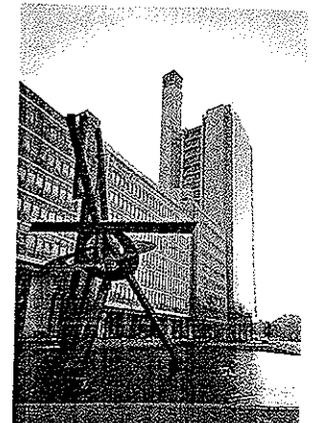
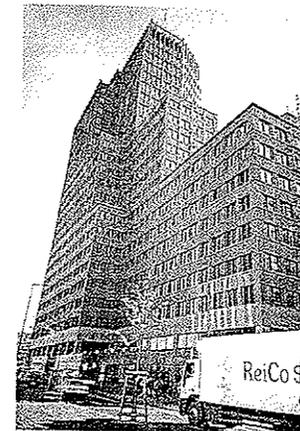
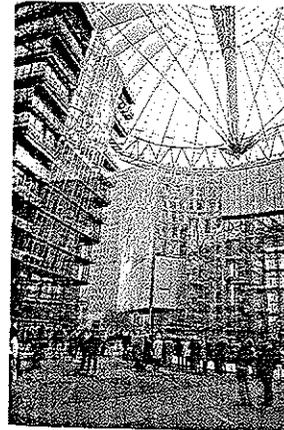
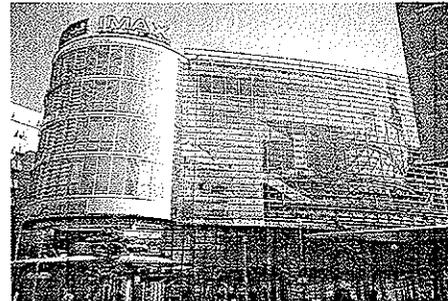
Retomando o ponto de vista de Werner Sewing: nem coração, nem coração artificial, possivelmente apenas um lugar de produção de imagens urbanas. De qualquer modo, se se necessita de um coração para a nova capital, é bem possível que daqui a pouco seja não mais Potsdamer Platz, mas, como lembra o autor, o Palácio de Berlim dos Hohenzollern, destruído

Sony Forum, Edifícios de Kollhoff-Timmermann e Piano no Conjunto da Daimler-Benz e ABB (fotos da autora).

Praça Marlene Dietrich (foto da autora).



Potsdamer Platz: Cinemas e Shopping (foto da autora).

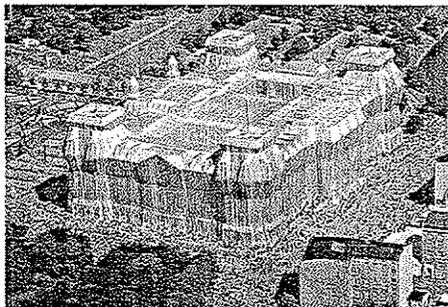


em 51 pela RDA e que, uma vez reconstruído, pode vir a se transformar no verdadeiro coração da cidade: “o mito da monarquia abrindo as portas para inimagináveis possibilidades de um outro parque temático”⁵⁰ - só que aí, acrescentemos, reatando com a mais sombria tradição alemã... Diante disso, cabe perguntar se, restrições e patriotismos à parte, o mérito da Potsdamer Platz não estaria justamente nisto: num certo internacionalismo (cosmopolitismo?), mesmo que acanhado e em recinto fechado. Afinal, nada mais temível do que o já experimentado, e de triste lembrança, “espírito” prussiano, principalmente quando à procura de uma nova identidade.

Dilema capital

Num livro muito sugestivo, o jornalista Michael Wise descreve com bastante perspicácia as ambivalências dos alemães em busca de uma arquitetura da democracia - *Capital dilemma. Germany's search for a new architecture of democracy*.⁵¹ Ambigüidades visíveis, por exemplo, no contraste entre a discreta Bonn (*capital of self-effacement*) do pós-guerra, e a extrovertida nova capital, com sua arquitetura ora exuberante, ora monumental, ora ambas as coisas, para o que foi mobilizado, como se viu, todo o *star system* internacional e os talentos locais, de modo a se projetar como a mais promissora cidade, sem romper (ao menos integralmente) com o passado e seus mitos, expressos na arquitetura do Antigo Regime, do Terceiro Reich, ou mesmo da RDA. Na visão de Michael Wise, mudança de ponto de vista sobre a imagem que a arquitetura deve desenhar para a Alemanha hoje vitoriosa e, novamente, na liderança da Europa,

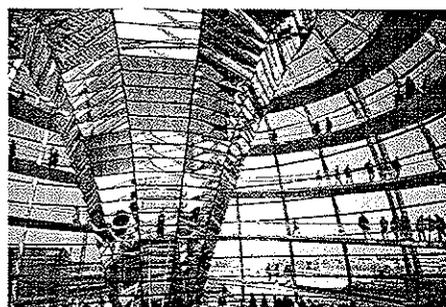
Performance: o Reichstag embrulhado por Christo e Jeanne Claude (1995) (foto: arq. da autora).



oscilando contudo entre manter e destruir (por vezes, reconstruir) os monumentos de um passado em geral pouco democrático. Veja-se a praça dos poderes, enquadrada pelo Parlamento (o antigo Reichstag), sempre ameaçado de destruição, mas depois de “desinfetado” pelo empacotamento performático do artista plástico Christo, finalmente mantido (e quase integralmente reconstruído) com uma gigantesca cúpula de vidro, projetada pelo mestre da arquitetura *high tech* (Norman Foster), como a simbolizar a nova Alemanha, especialmente, na sua presumida transparência democrática. Ou ainda, nas palavras de Wise, como *illuminating shadows of the past*. Na verdade, um símbolo facilmente decodificável da velha dualidade alemã. Na frente: a recém inaugurada Chancelaria (residência do primeiro ministro), projeto de Axel Schultes e Charlotte Frank - reminiscência sombria (embora de uma brancura alvar), pela escala adotada e o repertório arquitetônico utilizado, dos antigos prédios que aí foram construídos na era nazista, em sua monumentalidade (e seus custos faraônicos), tanto quanto no seu neoclassicismo, agora disfarçado e modernizado, mas que nem por isso consegue esconder sua filiação à tradição Speer, Wallot, Schinkel etc.

Ora, diante de tudo isso Potsdamer Platz pareceria uma lufada de ar “ocidental” sadio, não fosse sua inequívoca complementaridade - o outro lado da moeda, representado aliás por grandes empresas das três maiores potências econômicas mundiais (Estados Unidos, Japão e Alemanha - ou alguém acredita que a “globalização” as dissolveu?). Estou me referindo ao parentesco histórico, ao menos em se tratando da Alemanha, entre modernidade e anacronismo, modernização e “atraso”, ou, mais diretamente, iniquidade

Berlim vista do interior da Cúpula (de Norman Foster) do Reichstag (foto da autora).



social. Tudo isso faz sistema. Assim também, esse pastiche, um tanto *kitsch* na sua monumentalização, da arquitetura de ponta das novas centralidades urbanas “ocidentais”, e o caráter áulico da arquitetura tradicional berlinense.

Senão vejamos. As hesitações apontadas pelo jornalista viriam de longe.⁵² Explicam-se em parte por uma espécie de desconfiança atávica, reativada a cada surto de fuga para a frente “ocidentalizante”, como se dizia ainda antes da Primeira Guerra Mundial, quando então se opunha à “civilização” puramente material dos liberais manchesterianos, ou puramente “política”, como a república francesa de jornalistas e advogados, a profundidade espiritual da “cultura” alemã, por mais comprometida (e talvez por isso mesmo) que estivesse com as relações autoritárias do Antigo Regime. Uma alegação tanto mais equívoca por alcançar o seu apogeu justamente no momento em que a Alemanha em guerra já era, fazia tempo, a mais moderna economia industrial da Europa. Entrava assim por uma via oblíqua na Modernidade. Pois a esse movimento em falso - um ingresso no mundo moderno combinando eficiência econômica capitalista e relações sociais características de uma ordem estamental brutalmente hierarquizada -, costuma-se aplicar a fórmula consagrada há quarenta anos por Barrington Moore: “modernização conservadora”. Na verdade uma variante da noção de origem marxista, mais exatamente leninista, a da “via prussiana” para o capitalismo, por contraste com a via americana. A primeira faria economia de uma revolução burguesa, e uma correspondente reforma agrária radical (como na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos da Guerra Civil), conciliando a moderna propriedade burguesa com o latifúndio *Junker*. A explicação de Moore vai praticamente pelo mesmo caminho, acrescentando que a outra modernização implicava democracia política.

Voltando: o contraponto cultura (alemã)/ civilização (liberal-burguesa, filistina etc.), a um tempo mitologia compensatória e crítica real do grau de alienação cobrado pelo processo de burguesamento das sociedades tradicionais, é a expressão acabada de um caso também clássico do que se poderia chamar de “consciência nacional infeliz”, alimentada pela experiência de uma modernização que nunca se completa, embora se tire vantagem do resíduo pré-burguês (exatamente o caso do neomercantilismo alemão à época da unificação bismarkiana).

Assim, do século XVIII (quando as sociedades do Antigo Regime começam a se “esclarecer”) até a Segunda Guerra (e além), toda vez que se evoca um pouco as reações em face aos *tour-nants* experimentados pelo país, confrontados com as injunções das atualizações impostas por um sistema mundial que continuam considerando por assim dizer “exterior” e “ocidental”, cedo ou tarde aflora esse contraponto, ora crítico, ora conformista, mas sempre lançando confusão e disseminando falsa consciência: “sombra” (alemã) e “luz” (européia ocidental), e vice-versa, retrocesso burguês do processo civilizatório, e espírito livre alemão emancipado da tutela dos filisteus do mercado que afinal nunca chegou a conhecer. Esse o verdadeiro “dilema”, novamente presente na reconstrução de uma Berlim que, queira-se ou não, continua dividida.

Post-scriptum

Em um colóquio sobre as cidades alemãs, ocorrido na França em 1994,⁵³ o urbanista Dieter Frick, da Universidade Técnica de Berlim, entrevista, à época, dois cenários possíveis para a cidade: 1) o de um renascimento do seu poderio econômico, adaptado às formas e as funções de uma *global city*: “isto é, um centro internacional, comercial, financeiro e de serviços competitivo.” Para tanto seria preciso criar rapidamente os equipamentos que a fizessem funcionar e lhe dessem prestígio a ponto de interessar às multinacionais. “Deve-se lhes dar - continua Frick - a possibilidade de rentabilizar ao máximo o solo valioso do centro da cidade, e se colocar em cena através de uma arquitetura, com os padrões internacionais habituais.” Não faltam, constatava ele, arquitetos renomados capazes disso, ou seja de tomar a palavra *grimper* ao pé da letra! 2) O outro cenário, que não está formulado em detalhe porque se opõe de maneira crítica aos modelos dominantes, enfrentaria a segregação crescente, a explosão anárquica das periferias, as ilhas urbanas etc., através de “um auto-controle consciente, um respeito das componentes sociais e ecológicas, uma concentração espacial e uma mistura de funções nos bairros e nas periferias”, uma ênfase no transporte público, enfim, um cenário tido em geral como “fora de moda”, “irrealista”, “utópico” etc., mas que poderia ser caracterizado como o de uma “cidade com fisionomia humana”. Segundo o autor, a política urbana que vinha sendo incrementada pela prefeitura de Berlim parecia tentar unir os dois cenários, ou “paradigmas”: de um lado, no plano

geral, o segundo; no plano imediato, obedecendo à imposição de competir com outras cidades, o primeiro. E concluiu: só o futuro dirá qual dos dois prevalecerá...⁵⁴ Exatos oito anos depois dessa mistura tão enfaticamente postulada dos dois paradigmas num modelo único, parece não ter restado mais do que um fantástico cenário de ruínas novinhas em folha.

Maio/junho de 2001 e dezembro de 2002.⁵⁵

Otilia Beatriz Fiori Arantes é doutora pela Universidade de Paris I e Livre-Docente pelo Departamento de Filosofia da FFLCH USP, professora aposentada de Estética do mesmo Departamento. Dirigiu o Ceac e deu aulas na FAU USP. Publicou, entre outros livros, *O lugar da arquitetura depois dos modernos* e *Urbanismo em fim de linha* (ambos pela Edusp, 1993 e 1998).

Notas

1. Há alguns anos venho recorrendo a essa fórmula um tanto esdrúxula para salientar dois traços expressivos da condição urbana contemporânea: primeiro a naturalidade com que se encara hoje em dia a fusão entre os interesses econômicos da "cultura" e as alegações culturais do comando econômico, convergência requerida em princípio pelo acirramento da feroz competição entre as cidades do sistema mundial pelo acesso aos financiamentos cada vez mais escassos; segundo, a mesma naturalidade com que tal visão estratégica é compartilhada pelos administradores de turno, não importa quais sejam as eventuais preferências políticas dos envolvidos. Cf. por exemplo a conclusão de meu ensaio "Uma estratégia fatal. A cultura nas novas gestões urbanas", in Otilia Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato, *A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.
2. Cf. *Mouvements*, n. 13, Paris, janvier/fevrier, 2001.
3. Cf. *Towards a urban renaissance. Final report of the urban task force chaired by lord Rogers Riverside*, Urban Task Force, Londres, 1999. Sobre as cidades como "máquina de crescimento", ver nosso texto citado acima.
4. Além do estudo no livro citado anteriormente, ver ainda meu ensaio "Vendo cidades", *Veredas* n° 36, dez. de 1998, Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, pp. 21-23.
5. Apenas para lembrar: trata-se de uma rua *sui generis* - a maior e mais polêmica exposição de arquitetura pós-moderna, apresentada na Bienal de Veneza de 1980, intitulada "A presença do passado" (Cf. a respeito meu ensaio "Arquitetura simulada" em *O lugar da arquitetura depois dos modernos*, Edusp-Nobel, 1993).
6. Lembro que à época - anos 60 - Bolonha (também chamada de Bolonha vermelha) foi a grande Mecca dos contextualistas de todos os quadrantes devido ao seu projeto de renovação do centro antigo que respeitava não apenas a tipologia original, mas a população que aí morava.
7. Restringi-me, praticamente, a exposições em aula e relatórios de pesquisa.

8. Novamente remeto o leitor ao meu texto "Uma estratégia fatal. A cultura nas novas estratégias urbanas" (em *A cidade do pensamento único* cit.) e, em especial, "Cultura y coaliciones de poder y dinero en las nuevas gestiones urbanas", in *Bloek* n° 5, dec. 2000, Buenos Aires: Ceac. Universidad Torcuato di Tella, pp. 12-21.
9. "Os grandes acontecimentos e a cidade ocasional", in *Lisbon: World expo 98. Projects*, Blau, 1996. Minha fala está reproduzida em "Cultura e transformação urbana", in Vera Pallamin (org.) *Cidade e cultura - esfera público e transformação urbana*, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
10. Objeto de quase todos os autores que se detiveram na questão da pós-modernidade, com destaque para os trabalhos de Baudrillard, *Simulacres et simulation*, Paris: éd. Galilée, 1981 e Umberto Eco, *Viagem na irrealidade cotidiana*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Dentre os autores americanos, os estudos de Sharon Zukin, aos quais logo nos referiremos.
11. In *Der Potsdamer Platz, urban architecture for a new Berlin - Urbane Architektur für das neue Berlin*, Berlin: ed. Jovis, 2000, pp. 47-58. Cf. nessa mesma direção o texto recente (1999) de Saskia Sassen e Frank Roost "A cidade: local estratégico para a indústria global do entretenimento" (publicado na revista *Espaço e Debates* n° 41, SP, 2001; trad. de José Tavares Correia de Lira e Sarah Feldman, pp. 66-74), onde as cidades são apresentadas como parques temáticos, tomando como exemplo as iniciativas da Walt Disney Company. O texto, do qual só tomei conhecimento depois de ter escrito o presente ensaio - o que me fez poupar (ao menos nesta versão) a exposição por extenso dos argumentos e passar a citá-lo -, coincidentemente analisa os processos e fusões no origem do atual impulso da indústria do entretenimento e sua função nas "estratégias dos planejadores do remanejamento econômico e urbano", em especial na "requalificação" da Times Square, mas cita também Potsdamer Platz, sobre a qual Roost anuncia também um ensaio.
12. In *Landscapes of power*, University of California Press, 1991, pp. 230 e 232.
13. Remeto o leitor diretamente ao texto da autora reproduzido nesta revista, capítulo do livro *The cultures of cities: "Aprendendo com Disney World"*.
14. *Des mondes inventés. Les parcs à thème*, Paris: Éditions de La Villette, 1991.
15. Cf. a respeito Sharon Zukin, *Landscapes of power*, op. cit., p. 228.
16. Cf. Sassen e Roost, op. cit.
17. *Des mondes inventés*, pp. 117-118. À época nossos autores davam como exemplo revelador, depois multiplicado exponencialmente, a estratégia adotada pela mais tradicional empresa francesa de construção, a Buygues: "enquanto candidata-se a construir um parque na Inglaterra (Corby), se associa à IBM para fazer prédios inteligentes, se torna tomador da TF1, acionário majoritário da SLEC de Saint-Quentin-en-Yvelines, e se orienta para as telecomunicações, publicidade, tele-shopping e cinema, em sociedade com a Ciby 2000, igualmente implantada em Hollywood."
18. Cf. em especial George Ritzer, *The McDonaldization thesis*, Londres: Sage, 1998, cap. "The new means of consumption", pp. 117-173.

19. *Landscapes of power*, op. cit., pp. 259-260. Cf. a propósito também "Aprendendo com Disney World" (publicado nesta revista). Seria o caso de voltar a citar aqui o artigo de Sassen e Roost, em especial no subcapítulo "As cidades como produto de entretenimento"; "As estruturas econômicas e espaciais da indústria do entretenimento demandam cada vez mais funções específicas proporcionadas pelas cidades. As cidades globais, em particular, estão emergindo como locais estratégicos para ambos, o consumo e a produção. As necessidades de produção e marketing da indústria do entretenimento resultam em uma reformulação da cidade global como uma Mecca turística em escala jamais imaginada. [...] Além disso, a cultura urbana se torna um objeto exótico de turismo, crescentemente mediado pela indústria do entretenimento. Tal resultado solapa antigas distinções entre locais de produção e locais de consumo, traço em toda parte característica do turismo urbano" (pp. 72-73).
20. Cf. *Landscapes of power*, p. 259, e o capítulo aqui publicado, em especial o subcapítulo "O Disney World como indústria de serviços".
21. Ver novamente Sassen e Roost sobre a requalificação da Times Square, op. cit., pp. 73-74.
22. Tema do meu ensaio já citado anteriormente: "Estratégias fatais", in op. cit. Ver também "Os dois lados da arquitetura francesa pós-Beaubourg", in *O lugar da arquitetura depois dos Modernos*, op. cit..
23. *Des mondes inventés*, op. cit., pp. 105-111.
24. Para a reconstituição dos dados históricos que se seguem baseio-me principalmente no texto de Hans Wilderrotter, "Outside Potsdam gate", in *Der Potsdamer Platz*, op. cit., pp. 9-27.
25. Câmara da Cidade.
26. Cf. todos estes dados em Roland Enke, "Missed opportunities?", in op. cit., pp. 29-45. As informações principais encontram-se em quase todas as publicações especializadas.
27. Cf. Dieter Frick, "Pour une utilisation de la ville contemporaine comme support et modèle de l'urbanisme", in Gilles Duhem, Boris Grésillon e Dorothee Kohler (coord.), *Paris-Berlin, regards croisés*, Paris: Anthropos, 2000 (coll. Villes), p. 174.
28. Dados em *Carta Capital*, ano VIII, n° 163, outubro de 2001, p. 15. Cf. também as reportagens de L. A. Giron e Márcio Damasceno para a *Gazeta Mercantil* sobre a cultura e *Subkultur* em Berlin (22 de setembro de 2000).
29. Cf. Harald Bodenschatz, em *Folha de S. Paulo*, 29.04.2001.
30. *Paris-Berlin, regards croisés*, op. cit.
31. "Berlin: Métropole tertiaire ou espace de production en déshérence", in *idem*, op. cit., p. 79-108.
32. Ver também seu livro, em co-autoria com Renate Borst, *Berlin. Métropole zwischen Boom und Krise*, leske+budrich, Opladen, 2000.
33. Cf. *Paris-Berlin*, estudo citado inicialmente, os gráficos 4.1, 4.2, 4.3, 4.4, 4.5., pp. 86-91.

34. *Ibidem*, p. 95.
35. *Ibidem*, p. 97.
36. *Ibidem*, p. 103.
37. *Ibidem*, pp. 107-108.
38. Renauld, Vincent, "Pour une politique foncière et immobilière intégrée", in Duhem, Gilles, Grésillon Boris e Kohler, Dorothee (coord.), op. cit., pp. 177-189. Cf também Häussermann e Andréas Kapphan, *Berlin: von der geteilten zur gespaltenen Stadt? Sozialräumlicher Wandel seit 1990*, leske+budrich, Opladen, 2000.
39. *Ibidem*, p. 182.
40. Na aceção crítica que lhe dá Neil Smith, *The new urban frontier*, Londres: Routledge, 1996.
41. Ainda Vincent Renard, in op. cit., p. 186.
42. *Idem*, p. 189.
43. "Casernas de habitação coletiva" eram construções do século XIX, feitas em parcelas profundas de lotes longos (de 200 a 400 m) e que se compunham geralmente de um edifício sobre a rua, de uma ala lateral e de vários outros edifícios transversais e vários pátios (cf. Häussermann, in op. cit., p. 134).
44. Sobre toda esta reconstituição histórica, ver "Transformações sócio-espaciais de Berlin", cf. Häussermann, in op. cit., pp. 133-156.
45. Sobre este período, cf. Manfredo Tafuri, "Por uma crítica da ideologia arquitetônica", in Tafuri, Cacciari, Dal Co, *De la vanguardia a la metropole*, GG, 1972, especialmente pp. 51-59.
46. Sobre tudo isto, cf. Klaus Brake, "Métamorphoses berlinóises", in *Paris-Berlin*, op. cit., pp. 215-228.
47. As cifras são do texto cit., p. 48.
48. Werner Sewing, op. cit., p. 55.
49. *Ibidem*.
50. *Ibidem*, pp. 57-58.
51. N. Y.: Princeton Architectural Press, 1998.
52. Devo o resumo histórico que se segue às análises de Paulo Eduardo Arantes no livro *Ressentimento da dialética*, São Paulo: Paz e Terra, 1996.
53. *La recherche sur la ville en Allemagne - Actes des journées franco-allemandes du PIR Villes*, Paris: CNRS éditions, 1996.
54. Dieter, Frick, op. cit., pp. 73-75.
55. Agradeço às pessoas que me forneceram bibliografia e informações sobre a cidade de Berlin, ou mesmo que me facilitaram o acesso a textos em alemão (que eu não leio), em especial a Beatriz Kara José, Isabel Loureiro, Paulo Arantes e Raquel Imanishi. A seguir restrinjo-me a indicar uma breve bibliografia sobre Berlin (visto que as referências bibliográficas do texto estão detalhadas nas notas), de modo a permitir que os leitores não só reconstituam as minhas fontes, mas avancem em relação às minhas análises, ou, mais modestamente, às observações contidas neste pequeno "guia alternativo" de uma turista desconfiada.

Breve roteiro bibliográfico de Berlin

- ARCHITEKTUR IN BERLIN. Jahrbuch. Hamburg. Junius Verlag (anúários publicados desde 1992).
- BABBIA, Marius e Von BISMARCK, Beatrice (org.). *Berlin! Berlin!*. Berlin: Taschenbuch. 1998.
- BAUWELT BERLIN ANNUAL. *Chronology of building events 1996-2001*. Berlin/Basel/Boston: Birkhäuser Verlag. 1997.
- BERLIN, MODERN ARCHITECTURE. Berlin: Ed. Gernont e Johanne Naibach. 1989.
- BERLIN: OFFENE STADT. *Die Stadt als Ausstellung. Der Wegweiser*. Berlin: Nicolai. 1999.
- BERNFELD, Dan (org.) *Rehabilitation du quartier de Kreuzberg (Berlin)*. Veneza: Ed. Du Ciedart. 1985.
- BRAKE, Klaus. Métamorphoses berlinoises, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris et KOHLER, Dorothee (coord.). *Paris-Berlin, regards croisés*. Paris: Anthopos. 2000 (coll. Villes). pp. 215-228.
- BURG, Annegret. *Berlin Mitte. Die Entstehung einer urbanen Architektur. Downtown Berlin. Building the Metropolitan Mix*. Berlin/Basel/Boston: Birkhäuser Verlag. 1995.
- DÖRRIES, Cornelia. The city of knowledgw. How Berlin is gearing up for global competition. in *Stadforum*, nº 36, junho de 1999.
- ENKE, Roland. Missed opportunities?, in *Der Potsdamer Platz, Urban architecture for a new Berlin - Urbane Architektur für das neue Berlin*. Berlin: ed. Jovis. 2000, pp. 29-45.
- FRICK, Dieter. Berlin. aménagement urbain entre hier et demain, *La recherche sur la ville en Allemagne - Actes des journées franco-allemandes du PIR Villes*. Paris: CNRS éditions. 1996, pp. 63-75.
- _____. Pour une utilisation de la ville contemporaine comme support et modèle de l'urbanisme publique, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris et KOHLER, Dorothee (coord.). *Paris-Berlin, regards croisés*. op. cit., pp. 172-176.
- HÄUSSERMANN, Transformations socio-spatiales à Berlin: une évolution entre permanence et mutation, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris et KOHLER, Dorothee (coord.). *Paris-Berlin, regards croisés*, op. cit., pp. 133-156.
- _____. e KAPPAN, Andréas. *Berlin: von der geteilten zur gespaltenen Stadt? Sozialräumlicher Wandel seit 1990*. leske+budrich. Opladen, 2000.
- HOFFMANN, Hans Wolfgang. Generator of civility. How Berlin plans to upgrade its social centers. in *Stadforum*, nº 36, junho de 1999.
- IBA. *Pas à pas. La rénovation urbaine douce à Berlin-Kreuzberg*. Berlin: IBA. 1987.
- IBA. *Premiers projets en vue d'une rénovation circonscrite*. Berlin: IBA. 1984.
- INTERNATIONALE BAUAUSSTELLUNG BERLIN. 1987. Berlin: IBA. 1987.
- KIEREN, Martin. *Neue architektur. New architecture - Berlin 1990-2000*. Berlin: Jovis. 1998.
- KOOLHAAS, Rem. The city: construction, re-construction, de-construction (Berlin to Singapore), in V.V.A.A. *Risiko Stadt. Perspektiven der Urbanität*. Hamburg: Junius Verlag. 1994, pp. 102-110.
- KRÄTKE, Franz. Berlin: métropole tertiaire ou espace de production en déshérence?. in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris et KOHLER, Dorothee (coord.). *Paris-Berlin, regards croisés*. op. cit., pp. 79-112.
- _____. e BORST, Renate. *Berlin. Metropole zwischen Boom und Krise*. leske+budrich. Opladen. 2000.
- RENARD, Vincent. Pour une politique foncière et immobilière intégrée, in DUHEM, Gilles, GRÉSILLON, Boris et KOHLER, Dorothee (coord.). *Paris-Berlin, regards croisés*. op. cit., pp. 177-189.
- SCHULTZ, Bernhard. *The Reichstag, The Parliament building by Norman Foster*. Munique, Londres. NY: Prestel Verlag. 2000.
- SCHWEITZER, Eva. *Grossbaustelle Berlin, wie die Hauptstadt verplant Berlin*. Berlin: Ullstein. 1998.
- SEWIG, Heart. artificial heart or theme park?, in *Der Potsdamer Platz*, op. cit., pp. 47-58.
- STRIEDER, Peter. Strieder. Berlin, city of the futur?. in *Stadforum*, nº 36, junho de 1999.
- WELSH-GUERRA, Max. La révolution urbaine à Berlin depuis 1989, in *La recherche sur la ville en Allemagne - Actes des journées franco-allemandes du PIR Villes*. op. cit., pp. 77-93.
- WILDEROTTER, Hans. Outside Potsdam gate. in *Der Potsdamer Platz*, op. cit., pp. 9-27.
- WISE, Michel. *Capital dilemma. Germany's search for a new architecture of democracy*. N.Y., Princeton Architectural Press. 1998.
- z. B. *Berlin. Zehn Jahre Transformation und Modernisierung. 1990 bis 2000*. Berlin: Edition Foyer. 2000.

Artigo recebido em janeiro de 2003 e aprovado em março de 2003.

CIDADANIA E CIDADE (AVENTURAS E DESVENTURAS DO MULTICULTURALISMO)¹

Lorenzo Macagno

Tradução de Tiara Jú Pablo D'Andrea

Introdução

Há alguns anos, Michel Wieviorka² afirmava que a discussão sobre o multiculturalismo constituía um debate, senão esgotado, ao menos cronologicamente datado. A preocupação por delimitar temporalmente o assunto parece minimizar qualquer tentativa de retomá-lo, mesmo quando esta tentativa possa apelar ao argumento de que as problemáticas que o multiculturalismo evoca não estão totalmente afastadas. O tema se torna mais polêmico ainda se evocamos o decisivo ataque que alguns críticos formularam contra o jargão multicultural, suspeito, neste caso, de veicular uma "astúcia da razão imperialista".³ O repúdio à linguagem do multiculturalismo, por parte sobretudo de alguns meios intelectuais franceses, foi detectado, em seu momento, pelo próprio Michel Wieviorka. Assim, a suposta origem nacional (norte-americana ou canadense) do multiculturalismo teria provocado uma desconfiança previsível, proveniente dos defensores de uma tradição assimilacionista própria do republicanismo francês.⁴

Sem querer insistir com um tratamento grandiloquente e exacerbado do assunto, pretendo simplesmente tomar a relação entre cidadania e cidade como um pretexto para reviver, mais uma vez, o quase moribundo debate sobre multiculturalismo.

Num sentido amplo, as noções de cidadania e cidade são mutuamente inteligíveis, sendo difícil pensar uma sem a outra. É possível que, para ser completamente entendida, essa interdependência precise de uma espécie de história social que identifique a sociogênese de ambas as noções. Longe desse objetivo, prefiro partir de um momento específico: aquele descrito por Ulf Hannerz quando sustenta que a etnicidade e a pobreza começaram, na década

de 60, a ser definidos como "problemas" urbanos. Naquele momento, as fronteiras físicas e simbólicas das grandes cidades começaram a tornar-se fluidas e difusas. Como consequência, os antropólogos - supostos especialistas no estudo de outras culturas - já não precisaram atravessar grandes distâncias para ir ao encontro de mundos exóticos. Esse *outro cultural*, procurado em longínquas latitudes, era cada vez mais suscetível de ser observado nos subúrbios das cidades ocidentais (Hannerz, 1986: 11). De certa forma, os contatos culturais produzidos por essa desterritorialização facilitaram a emergência de um conjunto de debates sobre a inclusão das minorias étnicas, nacionais e religiosas no novo espaço urbano. Gradualmente, as reivindicações identitárias desses grupos passaram a formar parte dos chamados *movimentos sociais* urbanos gerando uma situação favorável para repensar as relações entre cidadania e diversidade cultural.

O multiculturalismo, como política de reconhecimento cultural e de incorporação de minorias tradicionalmente segregadas, começou a ter uma existência legal em meados da década de 60 e início dos anos 70, em países como Canadá, Austrália, Suécia e Estados Unidos. De qualquer forma, os dilemas gerados por suas políticas receberam uma atenção renovada nos últimos anos. O mesmo se pode dizer a respeito do interesse sobre o debate no contexto latino-americano.⁵

Talvez, um dos aspectos mais notáveis do debate multicultural seja o fato de que as noções de *cultura*, *eticidade*, *cidadania* etc. vão deixando gradualmente as catacumbas dos especialistas e se instalando na esfera pública. Ao mesmo tempo, percebe-se que à idéia abstrata e republicana de cidadania se incorpora, agora, um marco de renovada complexidade. Essa noção ampliada de cidadania é atribuível